

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**“PARINTINS VIROU CONGÁ”:
AS REPRESENTAÇÕES DAS RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS NAS TOADAS
DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS**

Caroline dos Santos Bruce*

Diego Omar da Silveira*

RESUMO: Esta pesquisa analisa as variadas representações das religiões afrobrasileiras nas toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido no Festival Folclórico de Parintins, Amazonas. O recorte histórico se delimita aos anos de 2009 a 2019, tendo em vista que a partir desse período os bois-bumbás começaram a enfatizar a diversidade cultural em seus temas e toadas. Nos baseamos nas discussões de Sergio Ivan Gil Braga (2002, 2011) para pensar a presença negra na Amazônia e sua permanência nas culturas populares, assim como outros autores que abordam a temática das religiões negras e do boi-bumbá de Parintins. A pesquisa é de cunho qualitativo, partindo de fontes bibliográficas e de entrevistas realizadas com alguns compositores e membros da Comissão/Conselho de Artes dos Bois. Também analisamos algumas canções produzidas nesse período, discutindo as representações afrorreligiosas no universo das letras, instrumentos e melodias das toadas, de tal modo que possamos identificar as relações entre o crescimento das políticas afirmativas, a visibilização da cultura negra e as transformações no universo musical dos bumbás.

Palavras-chave: Religiões Afrobrasileiras, Toadas, Boi-bumbá, Parintins.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir as representações das religiões africanas e afrobrasileiras nas toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido na cidade de Parintins, Amazonas, no período de 2009 a 2019. Buscamos compreender as simbologias e representações apresentadas nas toadas que incluem afrorreligiosidades, tema que vem sendo trabalhado de maneira cada vez mais explícita e de cunho científico pelos bois-bumbás, assim como a

* Acadêmica do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: csb.his16@uea.edu.br

* Professor assistente do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

representatividade negra que constituiu-se na composição das toadas. As afirmações como *Parintins virou Congá*, na letra da toada Boi de Encantaria do Boi Caprichoso (2019), permite inferir a cidade como centro de energias místicas e da encantaria revelando as transformações e as novas percepções da cidade, uma cidade lembrada não somente pela diversidade de povos indígenas que já a habitaram, mas como cidade de práticas religiosas afrobrasileiras, tal afirmação usada para dar título a pesquisa.

O campo acadêmico, há muitos anos, tem realizado um número extenso de pesquisas sobre o Festival folclórico de Parintins nas diversas áreas de conhecimento; contudo, ainda é notório que existem temáticas pouco abordadas e discussões, dentre as quais se encontra a cultura negra em sua extensão e diversidade. Braga afirma que o “Boi é bom para pensar” (2002, 2012), sendo uma manifestação cultural que apresenta, durante três noites, temas variantes da cultura amazônica para o mundo. Dentro desse espetáculo algumas culturas se sobressaíram a outras, tendo evidenciado e trabalhado somente aspectos da cultura europeia e indígena. Porém, é possível afirmar relações entre o crescimento das políticas afirmativas, a visibilização da cultura negra e as transformações no universo musical dos bumbás, o que possibilitou, aos poucos, a passagem de uma relação exótica e celebrativa (muitas vezes reforçadora dos estigmas) para uma modalidade crítico-reflexiva de pensar essas tradições, sobretudo as religiões e religiosidades afro-indígenas. Esse processo parece ter servido para fomentar novas discussões entre os torcedores e o público que assiste as apresentações, bem como para tornar o Festival um lugar de afirmação dos grupos religiosos minoritários, de visibilização dos povos de terreiro, da umbanda e da pajelança.

Nessa perspectiva, propomos discutir essas relações com o universo musical que se constituiu pelo Bumbás dentro do recorte histórico delimitado. Braga (2011, p. 158) considera que “é provável que muitos eventos realizados ainda hoje encubram de forma inadvertida, sob o signo do folclore, de hibridismo culturais, uma estética negra ainda não visível para quem não se dispõe de olhar para ver o que se esconde por de trás de tais expressões culturais”. Diante dessa colocação, surgiram problemáticas que geraram a presente pesquisa: como foram e são representadas as religiões negras nas toadas dos bois-bumbás de Parintins? A partir de que momento sentiu-se a necessidade de dar visibilidade a essas religiões? Qual a importância de se visibilizar as religiões de origem africana em Parintins?

Assim, a pesquisa busca salientar e refletir sobre a cultura negra, especificamente as religiões africanas e afrobrasileiras dentro do Festival Folclórico de Parintins, tendo como fonte as toadas. Pensar as manifestações culturais dos Bois-bumbás em Parintins e como as representações das ditas identidades regionais e nacionais são levadas para a arena do

espetáculo, o Bumbódromo, nos leva a refletir sobre o silenciamento de inúmeras culturas dentro da história da Amazônia, pois ainda é enorme o desconhecimento sobre a importância e influência dos negros e negras para o desenvolvimento da cultura amazônica, o que resultou em seus aspectos e peculiaridades serem pouco enfatizados ou mascarados quando se trabalhava as etnicidades no festival.

Nesse viés temos como objetivo analisar as representações das religiões afrobrasileiras ocorridas no recorte de 2009 a 2019 nas toadas dos bois-bumbás de Parintins, para que se enfatize e exponha a presença negra na sociedade local e nas manifestações, assim como a discriminação ainda recorrente com as religiões não cristãs. Assim sendo, procuramos seguir os seguintes objetivos específicos: refletir sobre os aspectos afroreligiosos mais elencados nas toadas ao longo desse período; dialogar com entrevistas realizadas com alguns dos compositores e com membros da Comissão/Conselho de Arte dos Bois-bumbás; pensar a partir das toadas, das entrevistas e do referencial teórico como as religiões africanas e afrobrasileiras são evidenciadas e os reflexos para a sociedade parintinense e para o “começo do fim do silêncio” para o negro dentro do Festival Folclórico e da “identidade” de Parintins.

A pesquisa é de caráter qualitativo e apoia-se na coleta de dados a partir das plataformas digitais de domínio público¹ que disponibilizam as toadas, utiliza-se da análise bibliográfica (monografias, livros, artigos, revistas, entre outros) para apresentar algumas das produções já existentes sobre o festival Folclórico de Parintins e das religiões afrobrasileiras no Brasil e na Amazônia. Usamos como fonte primária as toadas oficiais² produzidas entre o ano de 2009 e 2019, reconhecendo que, assim como outras fontes históricas, necessitam ser entendidas pelas suas singularidades. Como um estilo musical, as toadas precisam ser analisadas pelos seus métodos, pensando a linguagem e representação da realidade assim como de seu ritmo, melodia e letra.

O sentido sociocultural, ideológico e, portanto, histórico, intrínseco de uma canção é produto de um conjunto indissociável que reúne: palavra (letra); música (harmonia, melodia, ritmo); performance vocal e instrumental (intensidade, tessitura, efeitos, timbres predominantes); veículo técnico (fonograma, apresentação ao vivo). (NAPOLITANO, 2008. p. 271)

Essa abordagem possibilita situar o objeto de estudo, não isolando de seus aspectos literários, linguísticos ou tecnológicos, percebendo a singularidade das composições. As entrevistas realizadas são fontes secundárias e são entendidas, segundo Alberti (2008), dentro

¹ Os sites que utilizamos foram <http://letras.mus.br> e <http://boicaprichoso.com>

² As toadas oficiais são as que passam por uma avaliação, organizada pela Comissão e Conselho de Artes através de concurso, para integrar os CDs e DVDs do referido ano.

da metodologia de História Oral, como *entrevistas temáticas* e como toda metodologia requer cuidados em sua realização e análise. Reconhecemos a especificidade da História oral “em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2008. p.186). Portanto, as entrevistas serviram para melhor assimilação e entendimento dos aspectos que se necessita para a composição e construção das toadas e do tema em questão. Os entrevistados para a pesquisa foram Allan Rodrigues, membro da Comissão de Arte do Boi Garantido, Enéas Dias e Adriano Aguiar, compositores do Boi Garantido, Geovane Bastos e Ronaldo Barbosa Jr, compositores do Boi Caprichoso.

O trabalho subdivide-se em três tópicos: no primeiro, é elaborada uma apresentação bibliográfica de alguns trabalhos acadêmicos que tratam da temática dos bois-bumbás de Parintins e do festival folclórico ressaltando algumas peculiaridades. No segundo tópico, buscou-se refletir a partir do boi-bumbá parintinense as afroreligiosidades, a cultura negra e suas contribuições para a tolerância religiosa. O último tópico analisa os resultados do levantamento de toadas oficiais dos anos de 2009 a 2019 dos bois Caprichoso e Garantido nas plataformas digitais, destacando as músicas que fazem e trazem representações da cultura africana e afrobrasileira, bem como dialogamos com as entrevistas realizadas para essa finalidade.

1 BREVE BIBLIOGRAFIA DO FESTIVAL FOCLÓRICO DE PARINTINS

A bibliografia sobre o Festival Folclórico e os Bois-bumbás de Parintins é bastante extensa, seja no âmbito acadêmico, de cunho monográfico ou no campo da divulgação, diferenciando-se nos modos de análises e abordagem. Em um sobrevoo, é possível encontrar aspectos mais elencados a figura dos povos indígenas dentro do folguedo, os Bois Caprichoso e Garantido ao passarem a se apresentar nas três noites de festival partindo de uma temática, a brincadeira de boi ganhou outro rumo, e as pesquisas e textos acompanharam esse desenrolar dos projetos de arena e das toadas. Por muito tempo, essas produções ficaram restritas somente às origens dos bois na cidade e de seus fundadores, porém atualmente têm-se discutido diferentes enfoques como a espetacularização da festa (SILVA, 2010), o Boi-bumbá e afirmações identitárias (CARVALHO, 2014), território e globalização (NEVES, 2007), a cultura histórica nas toadas (FARIAS, 2016), dentre outras tantas que abrangem questões cada vez mais diversas.

Dentro do campo dessas produções textuais, persistem embates e visões diferentes do

espetáculo e de seu contexto histórico, sendo investigado a partir das diversas áreas de conhecimento. Na perspectiva antropológica, os principais itens discutidos são a etnografia da festa, do auto do boi, a memória coletiva e individual dos bumbás, assim como a sua inserção no cenário nacional das culturas populares. Destaca-se Maria Laura Cavalcanti (2000a, 2000b, 2002, 2006) que discute as origens do folguedo de boi-bumbá entrelaçando conceitos e textos que ajudam a compreender a diversidade da brincadeira e de suas origens. Os artigos de Cavalcanti são, para muitos, um ponto de partida para se pensar o Boi sob novas perspectivas. Em uma de suas publicações pioneiras no estudo dos bois de Parintins busca novas abordagens entendendo-os como rituais,

O boi-bumbá de Parintins é um processo ritual amplo, articulando diferentes níveis e dimensões de cultura e acompanhando no tempo o movimento da sociedade que o promove. Formas artísticas, grupos e camadas sociais diferenciados nele interagem. É mais um dos fascinantes lugares de tensa e intensa troca cultural, tão característico da cultura brasileira. (CAVALCANTI, 2000b, p. 1020)

Ainda no campo da Antropologia, Sergio Ivan Gil Braga (2002, 2004, 2011, 2012) em sua tese sobre o boi-bumbá busca compreender o papel dos bois no contexto histórico e cultural da região amazônica. O autor elenca os aspectos que contribuíram para a construção da identidade do folguedo parintinense, entre eles a presença negra na brincadeira. Braga também faz pensar as problemáticas e divergências das pesquisas de cunho da História e da Antropologia no sentido de buscar e tratar novos problemas dentro da brincadeira de boi. Nesse sentido, ele é um dos primeiros a tratar a questão da presença negra, em um contexto no qual propõe discutir:

Em relação aos bois-bumbás de Parintins, o abandono de uma busca das origens dos bois-bumbás, em substituição ao que se poderia chamar de uma aproximação entre antropologia e história, no sentido de identificar “estruturas de significado” relacionadas às manifestações culturais dos bumbás. (BRAGA, 2002, p. 13)

Os estudos de Braga possibilitaram novos estudos no campo etnocultural do universo do Boi-bumbá, principalmente quando aborda a temática negra e busca deixar questionamentos para futuras pesquisas. No artigo ‘Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?.’ ressalta e reflete sobre o negro e sua influência dentro do folguedo, em especial na área sonora da brincadeira não somente no Boi parintinense, mas em outras brincadeiras populares da Amazônia.

No campo das Artes Visuais, há discussões principalmente sobre a produção artística e a espetacularização da festa, dando ênfase à construção das alegorias, fantasias e adereços

confeccionados pelos artistas dos Bois e o processo de criação do espetáculo na arena. Assim trabalhos como o de Marivaldo Bentes da Silva (2008, 2010) tem como intuito investigar as conexões entre a transformação das apresentações dos grupos de bumbás Garantido e Caprichoso em espetáculo de entretenimento e as mudanças em seus modos de produção artística. Já Ericky Nakanome (2017) aborda a representação indígena no Boi de Parintins, analisando desde o bumba-meu-boi do Nordeste até a amazonização no Boi-bumbá amazonense, em um viés que trabalha a figura, identidade e espetacularização dos povos indígenas no folguedo.

Quando se é trabalhado a identidade e o território no boi-bumbá destaca-se o campo da Geografia, tem como uma de suas análises a concepção de que o sentimento de pertencimento que liga uma pessoa a um território resulta de uma história, um vínculo construído a partir das relações que se estabelecem com o agrupamento humano e com o espaço ocupado por esse grupo (FURLANETTO, 2011). Diogo Labiak Neves (2007) entende o sentido de território local e global partindo do espetáculo, buscando olhares do contexto da expansão capitalista e conseqüentemente pela fase da globalização e de suas implicações sociais e culturais nos Festivais. Assim, afirma que:

O Boi gradativamente deixa de ser o que sempre fora e passa a adotar novas conotações para os seus brincantes. A antiga brincadeira de Boi vira o “negócio” chamado Boi-Bumbá, em que mais importante do que as tradições e o prestígio de cada família ou grupo, sobressaem os acordos financeiros e os contratos firmados para a construção deste Boi que será apresentado na arena e não mais na rua como antigamente. Se antes prevaleciam as tradições, atualmente prevalecem as verbas destinadas por cada patrocinador. (NEVES, 2007. p. 16)

Essas também são as percepções de trabalhos na área de Turismo, onde se abordam as questões de turismo e cultura, assim como o marketing e suas implicações decorrentes da interferência desta atividade nos aspectos socioculturais da cidade, da população e sobre o próprio Festival, Pimentel (2002). Nessa área de conhecimento, encontram-se referências ao festival enquanto produto e desenvolvedor de atendimento e espaço aos turistas nacionais e internacionais, festival como difusor cultural, sua inserção no marketing cultural, no sentido de aproximação e distanciamento do Estado, da ação do mercado, do mecenato individual e das empresas (AZEVEDO, 2012).

Ao pensar-se a sociedade na ótica do boi-bumbá, nos deparamos com teses na área de História que discorrem sobre a identidade amazônica presente nas toadas, assim como determinados contextos históricos, como a conquista da América, presentes nas letras (FARIAS, 2016). Do mesmo modo, há trabalhos na Pedagogia em que é possível um novo

olhar sobre as práticas pedagógicas partindo do Boi-bumbá, buscando encontrar por trás de imagens que se mostram, imagens que se ocultam: a iminência do imaginário no real e o movimento do real ao imaginário (SEARA, 2012). Pesquisas como de Seara fazem com que a brincadeira não se limite somente a arena³ ou aos meses que antecedem ao espetáculo, mas que a cultura local seja abordada em sala de aula em diferentes níveis de ensino.

Dentro dos itens que compõem a brincadeira do Boi-bumbá em Parintins, a toada é uma das que se destaca como objeto de estudos pelos pesquisadores. Cardoso (2013) investiga o cancionário de Parintins, conceitualizando o termo e contextualizando suas origens no cenário parintinense. A pesquisa serviu como base para muitas outras, pois mapeou toadas oficiais e não oficiais produzidas pelos e para os bumbás, além de fazer seu registro. Partindo do campo da Letras, Cardoso (2013) também analisou o vocabulário local, lançando uma narrativa das possíveis influências para a composição das toadas.

Os livros-reportagens sobre o festival também se fazem presentes no campo da Comunicação Social, em uma linguagem mais simples e dinâmica para os diversos públicos sejam eles conhecedores da festa ou não. Rodrigues (2006) parte de seu relato enquanto visitante e expectador do Festival, tecendo os principais aspectos da brincadeira e da cultura local, apresentando a trajetória dos bois e da festa, anexando fotos e entrevistas para enfatizar seu relato. Em uma linguagem acadêmica, porém acessível, Nogueira (2014) dentro do campo da Sociologia aborda o universo do espetáculo com múltiplos olhares dos que fazem e participam do folguedo, assim como algumas ponderações dos “bastidores” políticos e do “mundo bovino”, explicando de modo sucinto as divisões do espetáculo e dos itens.

Nesses exemplos bibliográficos, e tantos outros, que discorrem e analisam características, traços, singularidades, que formam o que são os Bois e o Festival dentro da perspectiva das diversas ciências, ainda é notório que a produção sobre os Bois-bumbás está pautada principalmente nos enfoques indígenas, dentro do que é chamado de “identidade amazônica”, que homogeneiza as culturas amazônicas, minimizando e/ou excluindo grupos culturais minoritários.

Em relação ao nosso campo próprio, a História, essas pesquisas possibilitaram outras problematizações. Na nossa bibliografia, são pouquíssimos os trabalhos que falam da presença negra de maneira explícita e caracterizada dentro do festival. Ao analisar as narrativas, acadêmicas ou não, observamos citações da tríade do discurso da composição da cultura amazônica e, portanto, do boi-bumbá: branco, índio e negro. Porém, encerra-se aí. Não

³ Local como é denominado onde os bois se apresentam nas três noites de festival: Bumbódromo.

se busca aprofundar o porquê o negro fazer parte, em que faz parte e de que modo faz parte. A influência do negro dentro da história do boi é enfatizada principalmente no Auto do Boi, ainda que de modo cômico. Entretanto, esses saberes afrobrasileiros estão entranhados em cada aspecto da brincadeira: a própria adoração ao boi, a origem da brincadeira, o batuque da Marujada e Batucada⁴, a apresentação em “terreiros”. Tudo isso nos remete a novas reflexões que buscamos aqui representar.

2 “NO PONTO, O CANTO, ENCANTO!”: religiões africanas e afrobrasileiras, reflexões a partir do boi-bumbá

Durante muito tempo, na historiografia amazônica, o negro teve papel secundário e homogeneizado sob o estigma de miscigenação, vindo como insignificante o papel da escravidão negra para a região. Porém, inúmeras pesquisas têm apontado o contrário do senso popular. Vicente Salles e Patrícia Melo Sampaio produziram uma bibliografia que fomentaram debates e perspectivas cada vez mais significativas para o campo da cultura e da presença africana e afrobrasileira na Amazônia.

As principais pesquisas sobre as afroreligiosidades no contexto da Amazônia estão pautadas principalmente no estado do Pará. Apesar do número crescente, as investigações sobre o estado do Amazonas ainda estão restritas a algumas cidades ou locais. O boi-bumbá parintinense é um dos instrumentos culturais que servem para pensar essa presença negra, tendo em vista sua localização. Parintins configura-se em um local estratégico, por situar-se na rota Manaus-Belém. Muitos escravos fugidos das senzalas organizaram quilombos nas adjacências das principais cidades amazônicas, e mesmo no interior da região no período da província, como cita Figueiredo (1976), o estado do Amazonas antecipou em quatro anos a Lei Áurea, seguindo os caminhos da província do Ceará, passando a ser a segunda província imperial a abolir a escravidão, como dialoga Pozza Neto (2011). Esses quilombos eram formados não somente por negros, mas também por grupos e descendentes indígenas. É quase impossível discutir a presença africana descolada de relações, interações e redes de sociabilidades tecidas com grupos nativos da região, Pacheco (2010). Nesse viés as identidades do “caboclo” foram sendo constituídas dessas interações sociais e construíram o universo das Encantarias Amazônicas, com aspectos africanos e indígenas, temas que vieram a fazer parte do Festival Folclórico de Parintins.

⁴ Grupo de ritmistas que cadenciam as toadas e tem variados tipos de instrumentos como tambores, repiques, surdos, atabaques entre outros. Contam com mais de 400 participantes.

No boi-bumbá, dentro do universo das toadas e das apresentações do festival, ocorreram evoluções dos temas e das “bandeiras de lutas” que se destacam nas apresentações nas três noites de disputas dos bois. Durante parte da década de 1990 e dos anos 2000, os temas e toadas eram voltados principalmente para a natureza, e retratavam o índio enquanto ser passivo dentro da história amazônica e da preservação. Até mesmo quando a temática era voltada para a “fé”, as afrorreligiosidades não se fizeram presentes nas canções, como foi o caso do Boi Caprichoso em 2003, *90 anos de raízes e tradições na Amazônia*, e do Boi Garantido em 2014, com *Fé*. Ambos os temas poderiam se abrir para abordar o negro e suas múltiplas culturas dentro do contexto amazônico, mas não o fizeram.

É perceptível que os bois acompanharam e adaptaram-se as novas tecnologias e demandas para o estado de “espetáculo” que adquiriu com o crescimento da festa e da visibilidade das toadas e da própria transmissão do festival em canais a nível nacional, mas quais os fatores que levaram da simples relação exótica e celebrativa para uma modalidade crítico-reflexiva de pensar as tradições, sobretudo as religiões e religiosidades afro-indígenas? Dentre os fatores que podem ser elencados estão as políticas públicas de ações afirmativas no campo educacional como o Plano Nacional de implantação das diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (BRASIL, 2003) e da História e Cultura indígena no ensino Básico e Superior (BRASIL, 2008). Essas ações afirmativas possibilitam o início para a descolonização do imaginário sobre tais culturas, assim como a abertura para novas discussões.

Outro aspecto que não pode deixar de constar nesse estudo é o aspecto de discriminação positiva, que em termos do Brasil já consegue ser percebido nos índices do IBGE, onde o número de afrodescendentes auto declarados vem aumentando sensivelmente, uma vez que a política de ação afirmativa como políticas de ação afirmativas acenam com vantagens para grupos excluídos. (FERNANDES; SILVA, 2011. p. 254)

Em Parintins, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) de 2010, foram autodeclarados um número reduzido de praticantes de religiões africanas e espíritas, o que permite facilmente a conclusão de que não existem ali religiões afrobrasileiras organizadas, já que nunca houve na série histórica nenhuma declaração de afrorreligiosos (SILVEIRA, 2019). Porém, em pesquisas realizadas no Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA orientados por Bianchezzi e Silveira (2015), foram catalogados mais de 30 lugares de que vão desde pequenas searas até terreiros devidamente

registrados e reconhecidos por associações de cultos afro. Assim, em Parintins como em outras partes do país,

Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável antes de mais nada ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos Orixás, Voduns e Inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. (PRANDI, 2003. p. 16)

É provável que no emblema da discriminação e preconceito o medo ainda esteja presente para se identificar como praticante das afroreligiosidades, não somente dos seguidores, mas dos próprios Mães e Pais de Santos ao considerarem-se católicos, como ocorre em Parintins. Com as crescentes lutas de afirmações é possível que um novo Censo traga outra porcentagem sobre os praticantes de cultos afro, (SILVEIRA, 2019).

É necessário também destacarmos a inserção de membros do ambiente acadêmico na Comissão e Conselho de Artes dos bois-bumbás, com pesquisas voltadas para a área da afroreligiosidades. Além disso, no quadro de compositores dos bois há participação de iniciados na Umbanda e simpatizantes de religiões de origem africana como o Tambor de Mina, a Jurema Sagrada e outras religiões minoritárias como o Espiritismo. Essas pessoas buscam trabalhar e afirmar a identidade do Boi-bumbá de Parintins como indígena, mas também de alma negra, como revelam os Projetos de Arena desenvolvidos na atualidade. Isso é perceptível no discurso de Allan Rodrigues⁵ que atualmente compõe o quadro de membros da Comissão de Artes do Boi Garantido:

“É preciso aprofundar os estudos no boi, pois nos dois projetos de 2018 e 2019 que eu participo no Garantido, eu sinto que é preciso aprofundar mais porque têm elementos que ainda são recorrentes. Então toda vez que se quer falar do negro, se coloca uma pessoa negra de calça branca para representar os escravos, ou se coloca grupos do candomblé e da umbanda e não se faz a diferenciação dessas religiões representadas, e parece que toda a África professava uma só religião e se vestiam do mesmo jeito, então nesse sentido é preciso haver um trabalho de pesquisa para que haja o aprofundamento de tais elementos”. (RODRIGUES, 2019).

Não por acaso as militâncias apareceram no cenário de lutas dos bumbás. As fundamentações para a construção do espetáculo e do intenso trabalho que vem sendo desenvolvido pelas organizações, explicam-se ao perceber os bois como um dos meios de conscientização popular. O alcance das apresentações em nível nacional e a consciência dessa responsabilidade por parte da comissão e do conselho já vem sendo notada, principalmente

⁵ Entrevista realizada em 20 de novembro de 2019, Parintins-Amazonas

nos anos de 2018 e 2019. O compositor e membro da Comissão de Artes do Boi Garantido Enéas Dias⁶, afirma:

O festival não é feito só de alegria, ele tem uma função social. A gente vê assim também desde “Lamento de Raça” que falam dessas questões, muitos falam que são bandeiras de luta, por que não? Pode ser sim bandeiras de lutas, de pensamentos ideológicos, mas um pensamento ideológico com função social, causas justas. Só que ainda há o racismo e a intolerância camuflada dentro do próprio boi, seja pelos torcedores e pelos que pensam o boi, não todos mas tem uns que ainda pensam que o boi não é isso, é só Amazônia, então há uma luta até na arte. (DIAS, 2019)

Esses discursos aparecerem também nos impressos produzidos pelo boi. Na Revista Garantido (2019), Allan Rodrigues ao referir-se a segunda noite do festival, afirma que

Os folguedos juninos fazem uma crítica popular aparentemente despreziosa e lúdica, mas é por meio deles que os grupos e comunidades sinalizam a necessidade da construção de uma sociedade mais justa. Na Amazônia não é diferente. Caboclos, negros, e indígenas puderam se expressar e resistir suas identidades através das apresentações do Boi Garantido.

A partir do momento que não é somente a espetacularização da cultura da região, mas que existe uma mensagem que serve como instrumento para as vozes das minorias sejam elas mulheres, índios ou negros, o folclore é ressignificado. Na Revista Caprichoso (2018) no texto de Ricardo Biriba afirma que

O Boi Caprichoso vem também defender o ‘eu’ amazônico, Negro, Índio, Caboclo e enfatizar a singularidade e (re) existências culturais ancestrais. (...). Uma revisão constante das formas comportamentais da ‘sociedade tradicional’, um diálogo sem medo do desconhecido e do novo.

Braga (2002) já afirmava que o “Boi é bom pra pensar”, e foi no campo da antropologia que se iniciou as afirmações negras no boi-bumbá de Parintins. O que antes eram discussões somente de um campo de estudo, já é notória que foi o ponto de partida para novas reflexões. O fato do Boi se identificar como ‘Boi de negro’ como na toada de composição de Nakanome; Azevedo; Nascimento e Linhares, do boi Caprichoso 2018⁷, configura-se como uma mudança, haja vista que as afroreligiosidades eram somente vistas em lendas amazônicas ou tratadas como profanas, nos momentos durante a apresentação na arena do Bumbódromo de celebração da fé eram/são pautadas somente nos santos católicos, a própria celebração indígena foi muitas vezes colocada no âmbito das profanações que aparecem, até

⁶ Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

⁷ BOI CAPRICHOSO. Boi de negro. **Boi Caprichoso**. Disponível em <http://boicaprichoso.com/player.asp?t=572>. Acesso em 16/08/2019.

que ponto o que se entende no popular entre o que é entendido como profano e do que é considerado sagrado se encontram nas apresentações na arena?

São essas questões que se tornaram visíveis na apresentação dos bois Caprichoso e Garantido no ano de 2019. As redes sociais e rodas de conversas demonstravam o preconceito e a discriminação recorrente com tais religiões e culturas, revelando o esforço institucionalizado do Estado e dos que são praticantes de religiões hegemônicas e europeias para que continue o silenciamento (SILVEIRA, 2019). As revisões nas histórias e contos apresentados nos temas e toadas possibilitaram discussões dentro e fora dos bois. Silveira e Nakanome (2019), ambos membros do Conselho de Artes do Caprichoso, em um artigo sobre a Jurema Sagrada na Amazônia e do preconceito nos bois-bumbás, afirmam que,

Em 2019, o Caprichoso decidiu rever sua história, colocando em cena a ideia de um “boi-de-santo” que brinca para pagar promessa, mas com uma leve alteração no enredo: talvez esse bumbá tenha sido fruto não apenas de uma devoção católica, mas uma oferenda aos caboclos e ao povo das ruas... e o terreiro em que ele brincava talvez não fosse apenas uma menção ao quintal de terra batida, mas um espaço de culto afrorreligioso.

É com novas visões do que era considerado como natural e da história oficial que as vozes antes silenciadas podem ser contadas. O boi está em constante evolução e trazer questões crítico-reflexivas é o norte para o respeito à diversidade religiosa não somente em Parintins. Dentre os aspectos que trabalham e encobrem aspectos negros, a toada como fio norteador do espetáculo se torna uma ferramenta para a reflexão; analisar as representações e os simbolismos da música como um todo possibilitam que outras questões possam ser levantadas,

E, o que nos permitiria identificar esta participação efetiva, de proto identidades negras, estéticas negras em sujeitos difusos, estaria na música, posto que dos tambores são produzidos os toques e temporalidades necessárias para os ritos festivos. ‘O pulso ainda pulsa’. (BRAGA, 2011. p. 167)

3 “MEU CANTO É ALTIVO E LIBERTÁRIO”: as representações afrorreligiosas nas toadas

As toadas, ‘fio norteador do espetáculo’, fazem parte da brincadeira de boi-bumbá desde seu início, quando os bois ainda se apresentavam em quintais e nas ruas. Assim como o próprio Festival Folclórico de Parintins sofreu modificações com a inserção mercadológica, maior visibilidade nacional e mundial dentre outras questões, as toadas se transformaram e

ganharam novos formatos. O que antes eram somente toadas que versavam sobre a natureza e os povos originários, hoje ganham lugar de afirmações e de exaltação de diversas identidades com questões críticos-reflexivas em ambos os bois. E essas transformações alcançam não somente a letra, mas também o ritmo e o uso de novos instrumentos.

Nos discursos produzidos pelos bois sobre o início da brincadeira, ambos nasceram de uma promessa a São João Batista. Assim, nos festivais anteriores a exaltação da fé se dava em primazia à religião católica, a qual o Boi Caprichoso vem desde 2018 contestando. A igreja foi atuante desde o início do festival⁸, e sua influência ainda é patente. Porém percebe-se nos Bois-bumbás de Parintins um avanço no que diz respeito a celebração da diversidade, em especial a religiosa. Os termos afroreligiosos foram usados somente para a rima e complemento musical, carregados de desconhecimento por parte dos compositores e de estigmas, afirmando superficialmente o sentido mais vil da miscigenação na Amazônia. O compositor Geovane Bastos⁹ comenta sobre esse tipo de composições:

Via nas outras músicas, vi muitas coisas, só que eu via também que eles faziam muita coisa sem saber, como eu te falei, buscando uma rima, buscando uma passada legal, uma harmonia na música ali, falando de letra. Mas sem realmente expressar realmente conteúdo do que aquilo é de fato né, ou poderia ser um elemento a mais. (BASTOS, 2019)

No recorte do ano de 2009 a 2019 nas toadas do Boi Caprichoso e Garantido é perceptível essa evolução, passando do uso somente do termo ‘negro’ até chegar a terem toadas específicas para a afroreligiosidade na Amazônia. O modo como são colocadas e organizadas também chamam atenção. Dentre os termos afroreligiosos mais utilizados estão os da Umbanda, Tambor de Mina, Candomblé, Encantaria e Pajelança, estes últimos sincretizados com os ritos indígenas.

É impossível dissociar as conjunturas em que se deram essa evolução sem contextualizar os sujeitos que produzem as músicas, os compositores. As identidades e as inúmeras formas de percepções da realidade estão ligadas ao modo de pensar e sentir desses sujeitos, o território e sua ligação com esse meio associam-se com a composição das toadas.

O território é concebido como “a base das relações socioambientais onde se materializam as práticas sociais” (FURLANETTO, 2011, p. 2). Quanto ao que aqui se entende por região, “define-se do mesmo modo que uma localidade, em relação aos seus componentes de tempo, etnia, cultura, atividade econômica e, por isto, os elementos históricos da sua

⁸ O festival surgiu de uma iniciativa da Juventude Alegre Católica para o financiamento da construção da Catedral de Parintins.

⁹ Entrevista realizada dia 22 de novembro de 2019, Parintins-Amazonas.

caracterização não correspondem aos de outro recorte regional” (GERBARA *apud* NEVES, 2007, p. 28).

O pertencimento e a identidade que é criada a partir do espaço em que o sujeito está inserido se caracterizam de maneiras diversas. No âmbito da música, partindo-se de suas letras, melodias e arranjos, é possível identificar os grupos étnicos moradores dessa região assim como as relações com outros grupos. Sobre os arranjos das toadas, Furlanetto cita que:

(...) percebe-se como os grupos envolvem a comunidade, criando uma história em comum, despertando sentimentos, tecendo laços identitários: compartilhando as mesmas toadas, cantando e torcendo juntos por um dos grupos de boi, os parintinenses constroem seus valores e estabelecem vínculos territoriais, pois a música retrata a cultura e a memória do povo, possibilitando uma forma de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo. (FURLANETTO, 2011, p. 4)

O ‘identificar-se’ e colocar-se a frente para que outros sujeitos também sejam vistos e se identifiquem com o Boi já é fruto das ações afirmativas e de discussões, acadêmicas ou não, da visibilidade da cultura negra e de sua religiosidade. A toada a partir dos bois se tornou palco para essas análises, não só do escrito; a sonorização e os vocais também assumiram características diferenciadas.

Nas toadas dos anos de 2009 e 2010 ainda estavam presentes a ideia de Amazônia verde, intocada em sua maioria e habitada somente pelos grupos indígenas. As toadas ¹⁰*Meu Amazonas* (2009), composição de Ademar Azevedo e Frank Azevedo no Boi Caprichoso, demonstra essa ideia que condiz com o tema do ano defendido pelo Bumbá: *Amazonas, onde o verde encontra o azul*; assim como a toada *Paixão de Parintins* (2010) do compositor Jorge Aragão do Boi Garantido, cujo tema defendido pelo Boi era *Paixão*. Em ambos, os repertórios musicais e instrumentais desses dois anos exaltavam a natureza e os grupos indígenas, a ideia de Amazônia pouco habitada, o rio em sua grande extensão e fonte da vida para muitas espécies de animais. Culturas e religiosidades negras não foram sequer citadas.

A partir do ano de 2011 os repertórios e os discursos iniciaram uma mudança significativa. Com o tema *Miscigenação*, o Boi Garantido trabalhou a ideia da tríade étnica da composição do caboclo amazonense, índio, negro e branco. Porém, o tema carregou o estigma de que só contribuiu para que uma nova identidade se constituir, com a ideia de miscigenação passiva e pacífica. O Boi Caprichoso por outro lado, sob o tema *A Magia que Encanta*, abordou, assim como o Garantido, a presença negra de modo simples e superficial, um complemento.

¹⁰ As toadas analisadas para a presente pesquisa se encontram com as letras completa nos Anexos.

No ano de 2012, sob a ótica Cultural do lado azul e da Tradição do lado vermelho se configuram novos elementos, mas ainda não da afroreligiosidade. Com a toada *Viva a Cultura Popular!* dos compositores Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Guto Kawakami inicia-se a destacar o negro na cultura. A sonoridade mais dançante que as dos anos anteriores no trecho “*Tem batuque de negro, é afro o rufar/Dos tambores sagrados da terra*”¹¹, enfatiza uma sonoridade de estética negra, voltando ao ritmo dançante com a incorporação de instrumentos contemporâneos no refrão posterior. O Boi Garantido, com a toada *Festa do povo vermelho*, apresenta a inclusão de instrumentos de percussão, com um ritmo acelerado, pois fazem parte do grupo de toadas para a Galera¹². Contudo, a cultura negra não se faz presente nas letras das toadas desse respectivo ano.

Em 2013, os bois apesar dos inúmeros embates¹³ comemoram juntos o Centenário do Caprichoso e do Garantido. Nesse ano buscou-se apresentar uma retrospectiva cultural e histórica em ambas as agremiações folclóricas. Os discursos produzidos nesse ano foram decisivos para os anos que estavam por vir: o Garantido reafirmou suas raízes com Lindolfo Monteverde¹⁴ e defendeu a ideia do boi de curuatá¹⁵ criado enquanto menino, partindo da perspectiva de uma Parintins vista partindo do local para o nacional; o boi Caprichoso apresentou Roque Cid¹⁶ como fundador oficial e apostou em um boi ‘inovador’, sob a perspectiva de pensar o boi brasileiro, olhando do nacional para o local. No repertório musical foram perceptíveis tais mudanças. Nas toadas do lado azul que destacavam *O centenário de uma paixão*, composição de Guto Kawakami, Adriano Aguiar, Geovane Bastos, uma toada de galera que ilustra a ideia do boi brasileiro, pautado na tríade da miscigenação amazônica, mas que já coloca os negros presentes na sociedade e cultura da Amazônia. O Garantido apresentou em seu repertório toadas voltadas principalmente para o instrumento Tambor, partindo disso para pensar o negro e o índio: em *Tambores de Bem Querer* de composição de Enéas Dias e Marcos do Boi, assim como *Folclore do Povo Brasileiro*, de Enéas Dias, Demétrios Haidos, Geandro Pantoja e João Kennedy, e a toada *Tambor* de Ronaldo Barbosa Jr e Rafael Marupiara. Nessas músicas, partiu do instrumento para pensar o negro e o índio,

¹¹ BOI CAPRICHOSO. Viva a cultura popular. **Letras**. Disponível em <https://www.letas.mus.br/caprichoso-boi-bumba/viva-a-cultura-popular-2012/>. Acesso em 15/08/2019.

¹² Galera é o item 19 no regulamento do Festival, e são compostas por torcedores dos bois que vão ao Bumbódromo nas três noites de festival em lugares específicos para cantar as toadas e fazer coreografias com os braços.

¹³ Até a atualidade existem muitas discordâncias sobre o ano de nascimento dos respectivos bois.

¹⁴ Lindolfo Marinho da Silva, conhecido como Lindolfo Monteverde, é colocado dentro da história do boi Garantido como seu fundador.

¹⁵ Invólucro das flores das palmeiras.

¹⁶ Raimundo ‘Roque’ Cid, é um dos fundadores do Boi Caprichoso e tido como oficial.

entretanto sem adentrar no universo afrorreligioso.

O Boi Garantido com o tema *Fé* e o Boi Caprichoso com *Amazônia Tawapayera*, trouxeram nas composições musicais oficiais de 2014, *Brasilidade* de Demétrios Haidos e Geandro Pantoja, e *Sou Parintins* de Enéas Dias e João Kennedy, demonstram uma Parintins das múltiplas identidades, mesmo que apontando de forma superficial a presença negra na cultura. Outro ponto importante a destacar, como já citado anteriormente, é no ano que poderiam ser trabalhados as inúmeras manifestações de Fé em Parintins e na Amazônia, escolhem e exaltam a religião hegemônica como única e verdadeira, silenciando todas as outras. Nesse contexto em que o boi se encontrava de somente celebrativo sem tocar ou apresentar questões reflexivas, assim como as lideranças que não eram engajadas em discutir e levar para a arena as múltiplas práticas religiosas, difere do que encontramos nos anos posteriores. *Amazônia Tawapayera*, tema pautado nas etnicidades indígenas trouxe com *Boi Brasileiro* de Geovane Bastos e Adriano Aguiar uma letra e sonoridade que continua nos próximos anos, a de um boi que advém de inúmeras facetas, incorpora as brincadeiras dos mais variados bois no Brasil.

O ano de 2015 traz os temas *Vida* (Boi Garantido) e *Amazônia* (Boi Caprichoso). Na toada *Amazônia, nas cores do Brasil*, composição de Adriano Aguiar, há a inserção dos primeiros termos referentes ao afrorreligioso: “*Vai fazer levantar a poeira roda capoeira/ guerreiro de Ogum/ Do pai Oxalá de norte a sul cultura popular*”¹⁷, ainda em um contexto mais amplo das identidades do Brasil, já demonstra a abertura e o olhar para a cultura negra. Em *Balanço do Norte* do compositor Enéas Dias e Jessica Jacaúna apresentam: “*É o batuque mestiço/ É o encontro de todas as tribos/ É o rufar dos tambores/ É uma Amazônia de cores/ E muitos amores*”¹⁸, fazendo luz à miscigenação dos grupos que compuseram a Amazônia, com ritmos presentes principalmente dos instrumentos de percussão.

Em 2016, os bois defenderam os temas *Viva Parintins* e *Celebração*, e os discursos produzidos nesse respectivo ano pautavam-se na exaltação cultural local. Na toada do Caprichoso, *Viva Parintins*, de composição de Adriano Aguiar, faz luz ao negro, mas no trecho da fé cita a Virgem do Carmo, padroeira católica de Parintins. A toada do Boi Garantido *Celebrar*, do compositor e intérprete Sebastião Jr, discorre sobre a celebração aos povos, a vegetação, as brincadeiras e a fé, toada que não remete à cultura negra.

Nos três anos seguintes de festival, houve um salto e foco em bandeiras de luta negras

¹⁷ BOI CAPRICHOSO. *Amazônia, nas cores do Brasil. Boi Caprichoso*. Disponível em <http://boicaprichoso.com/player.asp?t=501>. Acesso em 15/08/2019.

¹⁸ BOI GARANTIDO. *Balanço do Norte. Letras*. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/garantido/balanco-do-norte/>. Acesso em 15/08/2019.

e indígenas, questões que foram aprofundadas nas toadas e nas três noites de festival. O compositor Adriano Aguiar¹⁹ que já compôs canções para ambos os bois, sobre essa evolução, destaca que:

Aflorou de forma muito grande nos dois bois em 2017, 18, e 2019, em 2015 na toada Amazônia nas cores do Brasil eu cito já de maneira tímida ‘guerreiros de Ogum do pai Oxalá’, com isso, essa chegada dessas toadas o festival que é a miscigenação do branco, negro e índio, a religião afro e da cultura negra ainda estava um pouco atrás da cortina, com esses novos temas os bois começaram a explorar esse universo dos Orixás, santos, dos terreiros também no Amazonas, onde existem grande e fortemente e com as influencias na músicas chegou também os instrumentos e a gente adaptou as levadas afro, como a gente diz, usamos o atabaque, agogô, o ritmo afoxé, o berimbau na toada ‘boi de negro’, a gente procurou dar ênfase e destaque para essa religião até pelo fato do preconceito e discriminação que tanto falam, o que aconteceu nos bois pelas rivalidades sendo que a maioria dos torcedores tem ignorância do assunto não entenderam o propósito da festa que é dar vozes as diversas culturas. (AGUIAR, 2019)

O ano de 2017 foi marcado por *Magia e fascínio no coração da Amazônia* do boi Garantido e *A poética do imaginário caboclo* do boi Caprichoso; ambas temáticas mais elaboradas que a dos anos anteriores e que possibilitaram novas questões pudessem ser discutidas e apresentadas para o público que acompanha o festival.

Meu canto é altivo e libertário/ Ritmado a tambores e xequerés/Toada de luta pela igualdade racial/ Emancipação do povo meu/ Celebra a vida dos griôs do saber/ Voa, voa, voa/ Voa meu canto cangoma/ Voa, voa, voa/ Nessa batucada do meu boi-bumbá/ Voa, voa, voa/ Teu verbo alado é Sansa Kroma/ Voa, voa, voa/ Pássaro da liberdade Yorubá. / Somos quilombolas da Amazônia/ Negros e cafuzos dessa região/ O Boi Garantido festeja seu povo pulsando a mãe-África no coração/ Mocambo é morada do sonho cabano/ Navega nas águas do nosso rio-mar/ Iretê, Puru, Madeira, Trombetas, Negro, Tapajós, Andirá/ Sou do São José!/ São Benedito, Verequete, sou do carimbó, lundu e siríá/ Retumbão, cordão de pássaro, marambiré, marabaixo e boi-bumbá/ Voa, voa, voa/ Voa bem alto e faz brilha/ Voa, voa, voa/ No negro céu da consciência/ Voa, voa, voa/ A constelação da resistência /Voa, voa, voa/ Refletida em cada olhar/ Trago a herança ancestral de gerações oprimidas/ Resistência e força brasileira da matriz africana/Anunciando um novo tempo de liberdade e esperança!²⁰

Quilombolas da Amazônia é uma composição de Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Moura. Essa toada do Boi Garantido nos remete a presença negra na Amazônia, em alusão aos quilombos e as lutas travadas para a sobrevivência desses grupos na Amazônia, enfatizando que somos descendentes dessas lutas e diversos modos de resistências dos ‘negros e cafuzos’. A sonoridade traz sons que remetem à capoeira e o vocal usado para enfatizar a estética negra

¹⁹ Entrevista realizada em 02 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

²⁰ BOI GARANTIDO. Quilombolas da Amazônia. **Letras**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/garantido/quilombolas-da-amazonia/>. Acesso em 15/08/2019.

na melodia. Sobre essa composição feita pelo Baiás²¹, Enéas Dias²² diz que:

A gente entendeu que quando faz algo diferente, digo no conceito, a melodia métrica também vai ser diferente do comum, não tem como fazer uma música negra igual a de boizão ou indígena, já vem uma nova musicalidade, isso que nos encantou, então pra eu compor a melodia e a letra que a gente concebeu essas novas toadas, eu ouvi um CD inteiro do Milton Nascimento pra absorver essa musicalidade negra, pra permear no meu consciente a musicalidade, que não é fácil e dali eu consegui sugar muita coisa desse álbum e pegar essa musicalidade, em quilombolas da Amazônia não tem uma música igual a ela, falo isso como músico, ela foi feita com a intensão de não ser igual a nada. (DIAS, 2019).

O boi Caprichoso apresentando sobre o imaginário caboclo produzido na Amazônia, trouxe a primeira alusão às afroreligiosidades, com a lenda de encantaria do Tambor de Mina de encantado Dom Sebastião. A toada foi *Touro encantado e sua estrela de ouro* (2017) de composição de Hugo Levy e Marcos Moreno:

Rei, rei, rei Maranhão, Rei, rei, rei Maranhão/ No galope encantado, o rei e seu tesouro/ Sua sina, seu fado, um touro negro/ Trazendo na testa a estrela de ouro/ Em um velho campo de guerra/ Num tempo há muito passado/ Um rei guerreiro, em distante terra/ Pelos mouros aprisionado/ Cruzou o oceano para fugir do mal/ Em águas tropicais, ilhas de Maiaú/ A vinda do soberano, na praia dos lençóis/ O palácio de cristal/ Um reino sob a água azul/ Rei, rei, rei Maranhão, Rei, rei, rei Maranhão/ E nas noites de lua cheia/ O vento que sopra do mar/ Constrói castelos de areia/ Na sombra da noite, para a gloria do rei/ Em sua corte reinar/ E quando do mar sair/ Como um negro touro/ Ao tocarem a estrela de ouro/ Em sua gloria vai ressurgir/ A cidade encantada, no mar aberto/ Não mais errante, do encanto liberto/ Rei, rei, rei do Maranhão, Rei, rei, rei do Maranhão/ Dom Sebastião/ Lindas pedras do seu manto voltarão²³

A toada conta a história de um dos Encantados da ilha dos Lençóis no estado do Maranhão, Dom Sebastião, rei português que aparece sob a forma de um touro negro com uma estrela de ouro na testa. No folclore maranhense a lenda do encantado Dom Sebastião e sua corte no fundo do mar próximo a ilha aparecem nos cânticos do Tambor de Mina, religião afrobrasileira presente nessa região. O Caprichoso faz alusão ao próprio boi parintinense que também é negro e com uma estrela na testa, existem nas regiões maranhenses bois com tais características. A toada remete exatamente como a lenda é contada nessa região.

No ano de 2018, os temas *Sabedoria popular: uma revolução ancestral* do Boi Caprichoso e *Auto da resistência Cultural* do Boi Garantido, continuaram a possibilitar novas questões anteriormente esquecidas. Desse lado, temos uma ‘consciência negra’ e daquele um

²¹ É como se denominam esse trio de compositores: Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Moura, afirmado pelo compositor Enéas dias em entrevista para essa pesquisa.

²² Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

²³ BOI CAPRICHOSO. Touro encantado e sua estrela de ouro. **Boi Caprichoso**. Disponível em <http://boicaprichoso.com/player.asp?t=557>. Acesso em 15/08/2019.

‘boi de negro’. O repertório musical e sonoridades negras também adquiriram maior visibilidade e quantidade. Outra questão a ressaltar é o uso do universo afroreligioso não somente nas figuras típicas regionais, mas em outros momentos na apresentação dos bois.

Terço, batuque, reza e festa/ Sagrado e profano unidos em celebração/ Sincretismo é resistência/ Xangô também é São João/ Kaô!/ Kaô Kabecile Xangô/ Justiceiro, rei nagô/ Chama a rainha dos raios pra dançar/ Eparrei Iansã/ Que é santo e orixá/ Na fé tem miscigenação/ Colorindo a minha canção/ Meu boi é o mito da resistência/ Da vanguarda e da tradição/ Rito de preto, dança e procissão/ Povo de santo, devotos e pajés/ Tem reza, oferenda e cura/ Vodum encantado em orixá/ Rogai por nós em liberdade/ Jesus, Tupã ou Oxalá/ Viva a diversidade/ Bandeira do boi da promessa/ Grandeza é ser diferente/ Se unindo pra vencer/ A resistência é fogo/ É fogo no meu coração/ É a chama da fé encarnada/ Na festa do boi do povão.²⁴

Na toada *As Cores da Fé* (2018), Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Moura abordam sobre três tipos de fé. Ao que nos remete as afroreligiosidades, encontramos a saudação usada na Umbanda e no Candomblé a dois Orixás, Xangô e Iansã, Kaô Kabecilê e Eparrei, assim como o sincretismo encontrado na Umbanda Xangô como São João, e Oxalá um Orixá que é celebrado pela criação do mundo e das pessoas. Colocam nessa toada o sincretismo como resistência para manter firme a sua fé. Porém, como um modo mascarado ao abordar a afroreligiosidade, segundo o compositor Enéas Dias²⁵:

Porque o sincretismo ele massageia, ele amortece a questão religiosa, quando a gente tira o sincretismo as pessoas se assustam, por causa das expressões diferentes do que estamos acostumados, a forma de cantar não é igual a toadas tradicionais, a interpretação tem que ser diferente. (DIAS, 2019)

Na toada *Terra mãe ancestral* (2018), composição de Adriano Aguiar, apresentam-se as principais deidades míticas da humanidade. Iemanjá se faz presente representando a mãe das mães para os povos africanos, assim como sua saudação Odoyá. Aparecem também as Orixás Oxum e Iansã, e o termo Congá é recorrente. A própria citação ‘*Um boi negro Caprichoso*’ afirma ainda mais a identidade que o boi está construindo:

Hera, Gaya, Kala, Amaterasu/ Ráume, mãe Oxum, mãe Oxum, Yepá!/ Fogo, queima, aquece/ Fruto, manto floresce/ Braços, raízes, o sangue é seiva que desce/ Vento dos cabelos de Iansã/ Olhos, turmalinas que brilham/ Aguas que beijam a praia, o mar de Iemanjá, Odoyá!/ Teus rochedos e montanhas/ Teus bosques, manguê e lama/ Cura tudo aquilo que inflama/ Mãe, natureza mãe, mãe terra, deusa mãe/ Dos filhos que protegem teu Congá/ Divina, mãe que guarda “a cria”/ Fauna, flora, vida, minérios submersos teu colar/ Está nos vulcões do Havai/ No gelo do

²⁴ BOI GARANTIDO. *As Cores da Fé*. **Letras**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/garantido/as-cores-da-fe/>. Acesso em 15/08/2019.

²⁵ Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

primitivo Odin/ Nas montanhas sagradas dos navajos/ Nas cordilheiras dos Andes, no abissal dos mares/ No céu, no sol e na lua, em todos os lugares/ Nas areias do Saara, vestida em Amazônia/ “eu trago bonança, meu sopro esperança/ Ceucý, primitiva, minha dança se fez universo/ Fui terra pangeia, fui éden, sou pedra/ Sou flor, viro guerra, sou a festa/ De um boi negro caprichoso”/ Auê, arauê/ Ave, peixe, inseto e réptil/ Auê, arauê/ Campo, alimento, solo fértil/ Dança tribo, canta tribo/ Ilha,/ ponta, continente, mar aberto/ Dança tribo, canta tribo/ Casa, mãe e filho, amor eterno/ É tambor do meu boi pra você óh mamãe/ Mãe terra!²⁶

Em 2019 os bois apresentam os temas *Nós, O povo*, do Boi Garantido, e *Um canto de esperança para a Mãria Brasilis*, do Caprichoso. Aqui, percebemos que enquanto o Boi Caprichoso aprofundou-se no tema negro e da religiosidade negra, o Garantido o fez de modo mais contido, nas toadas e sonoridades. Já as músicas do lado azul se tornaram mais explícitas e abordando não somente a Umbanda e o Candomblé.

Em *Nós, o Povo*, toada tema do Garantido, bem como no repertório musical, apresentaram-se menos aspectos afroreligiosos que no ano anterior. Apresentam-se de maneira tímida e apenas superficial, como se percebe na toada a seguir:

Pedro, pescador/ Zenaide, professora/ Davi Kopenawa, cacique/ Mario de Andrade, folclorista/ Dorothy, missionaria/ Edson Luís, estudante/ Vavazinho, poeta/ Dandara, quilombola/ José, operário/ Mestre bimba, capoeira/ Benedita, mãe de santo/ Jorge amado, escritor/ Verequete, peixeiro/ Marielle, feminista/ Tia Ciata, sambista/ Lindolfo Monteverde, criador do boi Garantido/ Nós, o povo!/ Vem, meu Brasil/ Pinta a cara de vermelho Nosso povo brasileiro Se apresenta na festa do meu boi-bumbá/ É, nossa arte é guerreira/ É pulsante, altaneira/ É o espelho do povo, é cultura popular/ É o garantido/ Esse boi do povão tem a força que nos faz caminhar/ E seguir na estrada do tempo/ Sonhar, avançar, conquistar/ É, é, é a cara de Parintins/ É, é identidade que vem da raiz/ Na dança, no som, no sotaque/ Meu boi é destaque, o mundo vem pra cá/ A emoção encarnada é fogueira/ Acende a alma do povo a dançar/ A toada guerreira vermelha/ Revolucionária do meu boi bumbá/ Liberdade, cultura e arte/ Bandeiras de sonho a tremular/ Vem pra nossa festa/ De índio, caboclo/ De negro, do povo/ De aldeias, quilombos e ruas/ Do amado chão/ Vem pra nossa festa/ De índio, caboclo/ De negro, do povo/ De aldeias, quilombos e ruas/ Do amado chão brasileiro/ Nós, / Nós,/ O povo/ Com a mãe áfrica no tambor/ Meu coração ameríndio pulsou/ Quebrei correntes com fé e coragem/ Meu canto diverso é diversidade/ O jeito, a fé, o gingado o calor/ Mulheres e homens de ferro e fogo/ O povo festeiro, orgulhosos e bravo/ E nessa mistura meu nome é Brasil,/ Brasil!²⁷

Quanto ao repertório das toadas oficiais, encontramos muitos termos afro-indígenas, principalmente em *Armaduras de Fé e Heróis do Brasil*. Abrindo o leque de novas possibilidades, o Boi Caprichoso veio um ‘boi de negro’. Na segunda noite intitulada ‘*No Brasileiro da festa, esperança é minha luz*’ apresentou elementos negros e exaltação à

²⁶ BOI CAPRICHOSO. Terra mãe ancestral. **Boi Caprichoso**. Disponível em <https://boicaprichoso.com/player.asp?t=579>. Acesso em 15/08/2019

²⁷ BOI GARANTIDO. Nós, o Povo!. **Letras**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/garantido/nos-o-povo/>. Acesso em 15/08/2019.

Umbanda, Candomblé e o Tambor de Mina; quanto ao universo da Encantaria Amazônica, no momento da Exaltação Folclórica, a toada *Boi de Encantaria* foi usada para “o descortinar do universo mágico das encantarias que ocorre por meio da conexão Parintins-Maranhão, com a herança do boi-bumbá e toda sua simbologia, seja ela artística, seja ela espiritual” como afirma a Revista Caprichoso (2019). A toada teve a musicalidade dos instrumentos (tambor, xequeré, atabaque, maracá) e dos vocais para assimilarem os pontos usados nos terreiros para as diversas celebrações.

Na letra desta toada é possível encontrar elementos de quatro religiões afrobrasileiras: Tambor de Mina, Umbanda, Jurema Sagrada e Candomblé. A toada é um mix de termos utilizados em tais religiões, abordando os encantados e as encantarias amazônicas, os ditos ‘ajuremados’:

Toca esse tambor/ Treme o atabaque/ Alfaia de couro/ Chama o boi/ Da ventania ê ô, rei/ De encantaria ê ô, rei/ Touro de magia vê meu bem/ Dança pó de estrela e sacode a terra da mãe/ Faz festa e folia, vem boi vem/ Brinca na minha ilha, vem boi vem/ Traz o azul das contas do meu colar/ De quê? Caboclo encantado/ Vem vê santo ajuremado/ De batuques, de pontos cantados/ De terreiros, de rodas de palcos/ Vem pra te chamar/ Vem pra ver!/ Seu vaqueiro, boiadeiro, Seu Turquia/ Pai da mata, reis de linha, encantaria/ Cipó de fogo, três Marias, sete trilhas/ Goytacaz e Dom Sebastião/ Ginga, brilha boi de gira/ Gira boi, de Encantaria/ Ginga, rodopia na fumaça da magia/ Brilha boi de gira, gira boi de pano/ Na luz da minha fé/ Parintins virou congá/ É axé, é caprichoso é patuá, juremá!²⁸

A Jurema Sagrada ou Catimbó é uma religião indígena que também recebe influências dos grupos negros que moravam na região Nordeste e se espalhou por várias regiões, inclusive o Norte (MONT’MOR, 2019). Seus dogmas pautam-se na árvore da Jurema, suas folhas, galhos, raízes, frutos e a casca, é utilizado o cachimbo da Jurema para abrir os portais para que os encantados possam vir em encontro dos seus seguidores. Na toada *Boi de encantaria* acima, Erick Nakanome, Ronaldo Barbosa e Ronaldo Barbosa Jr citam vários elementos da Jurema e da Umbanda, dentre os quais se assemelham pelo mundo dos encantados.

Na toada *Aruanda: as três princesas turcas*, do compositor Geovane Bastos, usada como base para a Lenda Amazônica durante a segunda noite intitulada ‘As princesas turcas encantadas na Amazônia’, baseou-se na religião do Tambor de Mina cultuado no Nordeste e no Norte, principalmente em Belém. Acreditam que três princesas Mariana, Herondina e Toya

²⁸ BOI CAPRICHOSO. Boi de Encantaria. **Boi Caprichoso**. Disponível em <https://boicaprichoso.com/player.asp?t=604>. Acesso em 15/08/2019

Jarina foram encantadas quando fugiam das cruzadas, desembarcaram no reino de Aruanda²⁹ e depois se encantaram na Amazônia.

No mar em águas encantadas/ A grande travessia/ Despertaram além dos portais/ No reino de Aruanda/ Um mundo de magia/ Que a pororoca te leve ao além/ Transforma meu canto, em canto que vem/ Despertar na Amazônia, encantarias.../ Meu Tambor de Mina tocou/ A coroa azul encantou/ As três maresias princesas/ Na casa das Minas, vão despertar!/ Xapanã eleva teus raios no céu/ É Nanã nas águas revoltas do além/ Rei Turquia, surrupiras/ Aruanda! Aruanda!/ Caboclos da mata, índios flecheiros/ Exus guerreiros, voduns feiticeiros/ No encantamento, transforma o corpo/ Incorpora o tempo/ Dança encanta Mariana/ Se engera Herondina/ Vem Tóya Jarina/ No ponto, o canto, encanto!/ É terreiro nagô, codó terecô/ Turquia jêje, encruzados ayó/ É terreiro nagô, codó terecô/ Encruzados ayó, canjerê é tambor/ Liberdade da alma, me energiza/ Me transforma, purifica-me/ Nesse canto de fé/ Vão se ajuremar!/ Meu tambor é de mina/ A Amazônia te guia/ Encantaria a te chamar/ Aruanda, Aruanda, Aruanda.³⁰

Essa toada é uma das mais completas quando se trata de afroreligiosidades, pois cada trecho trabalha a lenda com expressões próprias da Mina, e não utiliza do sincretismo. Apresenta a encantaria, a incorporação, as entidades, a linha do povo da mata, as giras, os terreiros tradicionais e encerra com uma mensagem para tolerância religiosa e o respeito.

Em uma análise do levantamento de 32 toadas no recorte histórico, pôde-se observar que quem compõe essas músicas com letras e sonoridades negras são na maioria das vezes as mesmas pessoas em ambos os bois. Elas foram sendo inovadas, aprofundadas em alguns casos e acrescentados instrumentos, principalmente de percussão: o xequeré, o agogô, caxixi, tambor falante, dimbé, o bandeirão, o afoché, o calimba (BARROS; DIAS, 2019³¹). Assim como os vocais e a interpretação do levantador de toadas para essas músicas específicas, ou seja, toda a sonoridade foi transformada pelos instrumentos das culturas negras e dos terreiros, só desenvolveu a rica diversidade sonora do Boi-bumbá de Parintins.

Entre os termos afroreligiosos mais utilizados iniciaram com os termos dos Orixás da Umbanda e Candomblé e até 2019 apresentaram um leque de termologias da Jurema ou Catimbó, do Tambor de Mina, e ainda da cosmologia indígena. Desvelaram aos torcedores as práticas religiosas afrobrasileiras presentes na Amazônia e em Parintins.

As toadas avançaram até adentrar no universo cultural e religioso na Amazônia, ou pelo menos em parte dela. Espera-se que questões afrobrasileiras sejam mais debatidas e interpretadas pelos Bois-bumbás. Essa temática caminha com as lutas negras nas sociedades e

²⁹ A Revista Caprichoso (2019) descreve como: Morada dos espíritos; Local Sagrado; Paraíso Espiritual.

³⁰ BOI CAPRICHOSO. Aruanda: as três princesas. **Letras**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/aruanda-as-tres-princesas/>. Acesso em 15/08/2019.

³¹ Em entrevistas os Compositores Geovane Bastos e Enéas Dias elencaram os instrumentos mais utilizados em tais toadas.

ainda trará muitos assuntos para serem debatidos. O boi-bumbá transformou-se em lugar de afirmação e de questões sociais que precisam ser discutidas e apresentadas para essa sociedade que vem sofrendo cada vez mais ataques racistas e de intolerâncias religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiões africanas e afrobrasileiras ainda sofrem formas de intolerâncias religiosas, frutos da ignorância e desconhecimento de suas práticas e ritos. O silenciamento que sofreram na história da Amazônia ainda é muito recorrente e aos poucos vem sendo discutido dentro e fora da academia. Nossa pesquisa apresentou os Bois-bumbás como tema que pode ser inserido nas discussões sobre a história e cultura afrobrasileira, por ser uma manifestação que ocorre em todas as partes do Brasil e nasceu de uma manifestação negra (CAVALCANTI, 2000), trazida para a Amazônia por negros e espalhando-se por inúmeras cidades. Em Parintins, o folguedo cresceu e alcançou visibilidade, resultando em ter os bois-bumbás do Amazonas serem reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil³².

Por muitos anos, foram negados os aspectos negros da brincadeira que virou espetáculo, mas percebem-se as mudanças nos discursos produzidos nos últimos nos projetos desenvolvidos pelas diretorias, comissão e conselho de Artes. Nas entrevistas realizadas foram evidentes que persistem resistências para que essas discussões não sejam levadas para a arena e para o mundo. O preconceito e a intolerância estão presentes dentro do próprio boi e não somente nos torcedores que ainda professam discursos de ódio como nas frases ‘isso não é de Deus’, ‘a macumba chegou nos bois’, acreditando que o boi não é uma brincadeira de origem negra sendo os próprios fundadores do Boi Caprichoso e Garantido negros e de origem nordestina.

Ainda necessita-se de novos estudos e cada vez mais debates em todos os setores sociais, educacionais e culturais que permitam a ampliação dessas vozes que já ficaram por muitos anos caladas e mascaradas no estigma do termo ‘miscigenação’. Permanecem e surgiram inúmeras questões voltadas e partindo de tal temática abordada nesta pesquisa, investigações voltadas não somente para as toadas, mas os Bois e o Festival em sua totalidade. Ainda há um grande percurso nas discussões sobre as afroreligiosidades na

³² Boi Bumbá do Amazonas agora é Patrimônio Cultural do Brasil. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Publicado em 31/10/2018. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4887>. Acesso em 11/12/2019.

Boi bumbá recebe certificado de Patrimônio Cultural do Brasil. **Secretaria Especial de Cultura**. Publicado em 28/06/2019. Disponível em <http://cultura.gov.br/boi-bumba-recebe-certificado-de-patrimonio-cultural-do-brasil/>. Acesso em 11/12/2019.

Amazônia e nas manifestações populares, atuando como ferramentas contra a intolerância religiosa. O boi-bumbá como portador de uma extensa visibilidade local, nacional e mundial atua como palco de afirmação e visibilidade dos grupos religiosos minoritários.

FONTES ORAIS

AGUIAR, Adriano. Entrevista realizada em 02 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

BASTOS, Geovane. Entrevista realizada em 22 de novembro de 2019, Parintins-Amazonas.

DIAS, Enéas. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2019, Parintins-Amazonas.

RODRIGUES, Allan. Entrevista realizada em 20 de novembro de 2019, Parintins-Amazonas.

PERIÓDICOS

Revista Caprichoso, **Um Canto De Esperança Para A Mãtria Brasilis**. Parintins: Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, 2018.

Revista Caprichoso, **Sabedoria Popular: Uma revolução ancestral**. Parintins: Associação Folclórica Boi-bumbá Caprichoso, 2019.

Revista Garantido, **Nós, o povo**. Manaus: Editora Reggo, ano XIX- 19º ed. Junho, 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: História dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ASSAYAG, Simão. **Caprichoso, o boi de Parintins**. Manaus: Novo Tempo, 1997.

AZEVEDO, Luiza Elayne Correa. Uma viagem ao boi-bumbá de Parintins: do turismo ao marketing cultural. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. p. 59-75, maio/2012. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/261>. Acesso em: 11/06/2019.

BATALHA, Socorro de Souza. Festival Folclórico de Parintins: Um estudo sobre a presença indígena na composição das toadas e a produção do cenário artístico apresentado no bumbódromo (1995-2010). **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. p. 85-102, agosto/2013. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/493>. Acesso em: 11/06/2019.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar da. Vozes do religioso: memórias e histórias da diversidade religiosa do Baixo-Amazonas. *In*: **Anais Eletrônicos do XXVIII**

Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: UFSC, p. 01-13. Disponível em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420281_ARQUIVO_DiegoeClarice-textoparcial.pdf. Acesso em 10/12/2018.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?. *In*: SAMPAIO, Patricia Melo (Org.). **O fim do silêncio**: presença negra na Amazônia. Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Festas Religiosas e Populares na Amazônia. *In*: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais** “A questão Social no novo milênio”. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2004, p. 01-17. Disponível em <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/sergioIvanBraga.pdf>. Acesso em: 10/09/2019.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. O Boi é bom para pensar: estruturas e história nos bois-bumbás de Parintins. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. p. 13-26, maio/2012. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/257>. Acesso em: 11/08/2019.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Manaus: Funarte, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 11/12/2019.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 11/12/2019.

BRITO, Ênio José da Costa; MALANDRINO, Brígida Carla. História e Escravidão: Cultura e Religiosidade Negras no Brasil – Um Levantamento Bibliográfico. **Revista de Estudos da Religião**, dezembro/2007, p. 112-178. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/i_brito.pdf. Acesso em 10/09/2019.

BRITO, Lydia Maria Pinto; RIBEIRO, Edinelza Macedo; SOUZA, Tereza. Bois-bumbás de Parintins: síntese metafórica da realidade?. **Revista de Administração Pública**, 2010, vol.44, n.1, p. 7-30. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n1/v44n1a02.pdf>. Acesso em 10/08/2019.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiro das Toadas do Boi-bumbá de Parintins**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Escola Superior de Artes e Turismo. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2013.

CARVALHO, Rui Manoel Senico. **Parintins: Boi-bumbá e afirmação identitária. Discurso, representação, sonoridade e identidade no Amazonas Contemporâneo.**

Dissertação (Doutorado). Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Festa na Floresta: O Boi-Bumbá de Parintins**. Rio de Janeiro: FUNART, 2000a.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: Breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VI (suplemento), p. 1019-1046, set./2000b. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a11.pdf>.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 1, São Paulo: USP, 2002, p. 37-78. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n1/a02v45n1.pdf>. Acesso em 10/08/2019.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi. **Mana**, v. 2, n. 1, p. 69-104, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a03v12n1.pdf>. Acesso em 10/08/2019.

COMPLEXO CULTURAL DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO. **Dossiê do Registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luiz: Iphan/MA, 2011.

COSTA, Marcos Antônio Lima; FERNANDO, Adelson da Costa. A composição da toada na Amazônia e a festa de boi-bumbá: a poética do imaginário do compositor. **Revista Eletrônica Mutações**, [S.l.], v. 4, n. 7, agosto/2013. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/542>. Acesso em 11/08/2019.

FARIAS, Lucas da Mota. O Passado da Conquista da América nas canções do Festival Folclórico de Parintins (1998). **Em tempos de História**, v. 28, p. 53-75, jan.-jul./2016. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14754/13075>. Acesso em 10/10/2019.

FERRETTI, Mundicarmo. TAMBOR DE MINA E UMBANDA: O culto aos caboclos no Maranhão. *In: Jornal do CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado*, Ano III, n. 39, 1996.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e identidade no Boi-bumbá de Parintins. **Revista Geográfica da América Central**, Número Especial EGAL, Costa Rica, segundo semestre/2011, p. 1-15. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/48869325.pdf>. Acesso em 10/07/2019.

GASPAR, Eneida Duarte. **Guia de Religiões Populares do Brasil**. São Paulo: Pallas, 2006.

ISAIA, Artur Cesar. Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano VII, n. 21, p. 115-129, janeiro/2015. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26580/16655>. Acesso em 15/11/2018.

LETIZÍA, Maria Eva. Os enredos caboclos e nativistas nas toadas dos boi-bumbás Garantido e Caprichoso, heróis do Festival Folclórico de Parintins. **Somanlu: Revista de Estudos**

Amazônicos, [S.l.], v. 3, n. 1 e 2, p. p. 35-66, junho/2012. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/197>. Acesso em 10/08/2019.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira (Org.). **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

MONT’MOR, Luís Felipe Cardoso. Os planos encantados da Jurema: as cidades e reinos em uma breve análise antropológica. **Senso**, edição 11, junho-julho/2019. Disponível em <https://revistasenso.com.br/2019/06/28/os-planos-encantados-da-jurema-cidades-e-reinos-em-uma-breve-analise-antropologica/>. Acesso em 19/09/2019.

MONTEVERDE, Dé; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2003

MOURA, Blenda Cunha. **Amazônia Cabocla de Alma Indígena: o Festival de Parintins Contemporâneo e as Imagens da Identidade Amazônica no Século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A Representação do indígena no Boi Bumbá de Parintins**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes. Salvador: UFBA, 2017.

NAKANOME, Erick da Silva. “Três Raças” e um Boi-Bumbá para duas: reflexões sobre a necessidade do protagonismo da cultura afro-brasileira no Festival Folclórico de Parintins. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar – RECH**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 367-381, junho/2019. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/rech/article/view/5816>. Acesso em 15/10/2019.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**; Revv. 5, n. 1/2, USP, São Paulo, p. 113-122, 1993. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951/87679>. Acesso em 15/04/2019.

NEVES, Diogo Labiak. **“DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ”**: Território, globalização e Boi-bumbá, na Ilha Tupinambá. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba; Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá: imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas. **Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião**. v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun. 2010.

PIMENTEL, Ângelo César Brandão. Parintins: Turismo e Cultura. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v. 2, n.especial, p. p. 35-48, junho/2002.

PRANDI, Reginaldo As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2003, p. 15-33. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/108/104>. Acesso em 15/04/2019.

POZZA NETO, Provino. Alforrias escravas na Província do Amazonas. *In*: SAMPAIO, Patricia Melo (Org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá: Evolução**. Manaus: Editora Valer, 2006.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. **Revista de Estudos da Religião**, março/2009, p. 77-96. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em 18/02/2019.

SAMPAIO, Patricia Melo (Org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

SANTOS, Jonas; ALBUQUERQUE, Renan (org.). **Boi Campineiro: a história do Festival de Parintins que não foi contada**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas- Secretária de Estado e Cultura, 2013.

SEARA, Nádia Tobias de Souza. A Cultura de brincar de Boi-bumbá. **Vera Cruz**, v. 2, n. 1, p. 130-146, 2012. Disponível em <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/83/70>. Acesso em 05/12/2018.

SILVA, Dulcilândia Belém da. **A presença do léxico indígena nas toadas de boi-bumbá de Parintins**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Escola Superior de Artes e Turismo. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

SILVA, Marivaldo Bentes da. Produção artística e movimentos sociais: a questão do índio e do meio ambiente nos domínios da festa do boi-bumbá de Parintins. **Anais do IV Encontro de História da Arte**. UNICAMP, 2008, p. 230-239. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2008/DA%20SILVA,%20Marivaldo%20Bentes%20-%20IVEHA.pdf>. Acesso em 19/05/2019.

SILVA, Marivaldo Bentes da. A espetacularização da festa do Boi-bumbá de Parintins: novos modos de produção artística. **Cultura Visual**, n. 14, dezembro/2010, Salvador: EDUGBA, p. 23-32. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/5121>. Acesso em 19/05/2019.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religiões contra-hegemônicas na Amazônia: desafios de um campo de pesquisas. **Senso**, edição 13, novembro-dezembro/2019. Disponível em <https://revistasenso.com.br/2019/11/26/religoes-contra-hegemonicas-na-amazonia-desafios-de-um-campo-de-pesquisas/>. Acesso em 29/11/2019.

SILVEIRA, Diego Omar da; NAKANOME, Erick da Silva. A Jurema sagrada na Amazônia: representação e preconceito religioso nos bois-bumbás de Parintins. **Senso**, edição 11, junho-

julho/2019. Disponível em <https://revistasenso.com.br/2019/08/29/jurema-sagrada-na-amazonia-representacao-e-preconceito-religioso-nos-bois-bumbas-de-parintins/>. Acesso em 19/09/2019.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejar. A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 27-33, maio/2012. Disponível em <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/258>. Acesso em 10/05/2019.

ANEXOS

LETRA DAS TOADAS DOS BOIS BUMBÁS

GARANTIDO

Toada: Gigante Amazonas (2009)
Compositor: (desconhecido)

Vai levando
A semente da samaumeira
Vai serpenteando o lindo ribeirão
Trilha de sonhos, caminhos de vidas
E lençóis frenéticos
Fertilizando a terra
E matando a sede da nação

Estrada de encantos
Que banha as tabas
Águas claras dos igarapés
Ninho de boto
Morada da Iara, Mãe Dágua
Lindo arco-íris
Que bebe em seu leiteo
E molha a plantação
E rega a plantação

Amazonas rio da vida
No teu leiteo
É preciso navegar

O amor mais bonito
Bem mais precioso da vida
Eu te amo meu rio Amazonas
Eldorado da América

Gigante da América
Orgulho da América
Do mundo e da América
Da América do Sul

Caudaloso Amazonas

Toada: Paixão De Parintins (2010)
Composição: Jorge Aragão

Chegou a hora
Do mais amado boi

Ele é de Parintins onde o vermelho
E a cor do povo pé no chão
Garantido, Garantido, Garantido
Agora aguenta coração

Bate, bate na palma da mão
Bate como bate o coração
Nossa batucada faz evolução
Vai rodando, balançando, balançando e
batucando

Bate, bate na palma da mão
Bate como bate o coração
Deixa pra galera essa revolução

Essa toada é pra você meu boi
Pro encarnado enfeitiçar
Pra entender o que é paixão
Meu boi é o boi, meu boi-bumbá

É tão bonito ver você brincar, meu boi
Deixa quem quiser chorar,
Dentro desse coração você é o meu
campeão
Que bom saber sonhar

Esse é o Garantido
Amado, decidido, que faz por merecer
Esse é o Garantido
Se entrega vem comigo

Que essa arena vai tremer

Bate, bate na palma da mão
Bate como bate o coração
Nossa batucada faz evolução
Vai rodando, balançando, balançando e
batucando

Bate, bate na palma da mão
Bate como bate o coração
Deixa pra galera essa revolução

Essa toada é pra você meu boi
Pro encarnado enfeitigar
Pra entender o que é paixão
Meu boi é o boi, meu boi-bumbá

É tão bonito ver você brincar, meu boi
Deixa quem quiser chorar,
Dentro desse coração você é o meu
campeão
Que bom saber sonhar

Esse é o Garantido
Amado, decidido, que faz por merecer
Esse é o Garantido
Se entrega vem comigo
Que essa arena vai tremer

Essa toada é pra você, meu boi

Toada: Miscigenação (2011)
Composição: Enéas Dias; Arrison
Mendonça

Nossa festa é de boi-bumbá
Nosso ritmo é quente, amazonense
É o batuque misturado, apaixonado
Tem a cara do Brasil
Coisa assim nunca se viu

É o balanço que imita banzeiro
Tem cheiro de beira de rio
Tem herança do nordeste
Bumba-meu-boi, cabra-da-pesto
Tem gingado de quilombo
Tem poeira levantando
Tem rufar de tambores tribais

Sou afro-ameríndio
Caboclo, mestiço

Eu sou
A própria miscigenação

Sou batucada
Sou a cadência eternizada na toada
A poesia de um amor que se transforma
Em um som que vem da alma

Sou Pai Francisco
Sou Catirina, Gazumbá
Sou Garantido

A garantia que esse amor é infinito
E faz o mundo inteiro amazoniar

Eu sou boi-bumbá

Toada: Festa do Povo Vermelho (2012)

Composição: Enéas Dias

Brincar de boi é ter paixão no coração
É ter amor à tradição
Se entregar de corpo e alma
Sentir que o corpo é uma canoa
E balança nesse rio
A correnteza é a toada que dispara
misturando
E vai criando um som brasil

Sinta o som
Sinta a força do batuque te chamando
Pra essa terra de emoção
Vem pra ilha do boi-bumbá!

Vem se dourar nas tardes de calor
Vem soar feito um tambor
E sentir o coração pulsar igual a batucada

Um balanceio diferente é meu folclorear
É a cultura dessa gente que eu vou mostrar
É do povo, é meu povo!

Garantido é liberdade dessa expressão
É a arte, é a vontade de brincar de boi em
parintins
É aqui que se brinca de boi, é assim que se
brinca de boi

Vou conquistar todo o brasil
Na pureza do meu povo guerreiro
É aqui que se brinca de boi

Vou conquistar todo o brasil
 Na pureza do meu povo guerreiro
 É assim que se brinca de boi

Sinta o som

Toada: Tambores de Bem Querer (2013)

Composição: Enéas Dias/ Marcos Boi

Bate tambor de bem querer
 Bate tambor de bem querer

Meu tambor de índio, meu tambor de
 negro
 Meu tambor caboclo, meu coração

Meu tambor é de tocar capoeira, paranauê-
 paraná
 Ciranda, samba, meu boi-bumbá, boi, boi,
 boi, boi

Meu tambor tem o toque do mundo
 Em mãos que só querem viver, livres e em
 harmonia
 Tocando tambores de bem-querer

Meu toque tem o tum, tem o tom do
 coração
 E o garantido é o batuqueiro do tambor que
 toca em mim
 Veio de além-mar e se fez brasil
 Meu toque surgiu assim:
 Tambor curimbó dos tupinambá,
 Legueiro, zabumba, djambe ou gamba
 De mina ou crioula lá do maranhão,
 De são benedito ou de São João
 Tambor caboclinho ou maracatu,
 Marcando o compasso na chula do sul
 Trocano da tribo, tambor do sairé
 Ou o batuque gostoso da baixa do São José

(o tambor do meu povo é a palma da mão)
 Meu tambor de índio, batucou
 Meu tambor de negro, batucou
 Meu tambor caboclo, batucou
 Meu coração batucou
 Batucou, batucou
 (batucou)
 Batucou, batucou
 (batucou)

Bate tambor de bem-querer

**Toada: Folclore do Povo Brasileiro
 (2013)**

**Composição: Enéas Dias, Demétrios
 Haidos/ Geandro Pantoja, João
 Kennedy**

Nosso folclore é popular
 Tem bumba-meu-boi, meu boi-bumbá
 Folguedos de boi pelo brasil

Boi garantido hei hei!
 Boi do povão hei hei!
 Boi campeão de Parintins

Sotaque de zabumba,
 Sotaque de matraca,
 Sotaque de orquestra
 Batucada do meu boi-bumbá

Garantido chegou e balanceou
 É a tradição de brincar de boi
 O meu boi é do povo
 Meu boi é caboclo
 Tem arte, magia, história e amor

A miscigenação do branco, do índio e do
 negro
 Nas crenças, nas lendas, nas danças,
 Nas festas do nosso folclore brasileiro

Tem reisado, cangaço e capoeira
 Congada, quadrilhas e maracatu
 Tem cirandas, cordão de pássaros
 Tem bumba-meu-boi, tem meu boi-bumbá
 Pra gente brincar

Balanceia, balanceia
 Balanceia meu boi garantido
 Balanceia, balanceia
 Balanceia meu boi aguerrido

É de Parintins, é da Amazônia, é do brasil,
 é do mundo.

Sotaque de zabumba,
 Sotaque de matraca,
 Sotaque de orquestra
 Batucada do meu boi-bumbá

Garantido chegou e balanceou
 É a tradição de brincar de boi
 O meu boi é do povo
 Meu boi é caboclo
 Tem arte, magia, história e amor

A miscigenação do branco, do índio e do negro
 Nas crenças, nas lendas, nas danças,
 Nas festas do nosso folclore brasileiro

Tem reisado, cangaço e capoeira
 Congada, quadrilhas e maracatu
 Tem cirandas, cordão de pássaros
 Tem bumba-meu-boi, tem meu boi-bumbá
 Pra gente brincar

Balanceia, balanceia
 Balanceia meu boi garantido
 Balanceia, balanceia
 Balanceia meu boi aguerrido

Toada: Tambor (2013)

Compositor: Ronaldo Barbosa Jr e Rafael Marupiara

Ôôô

Das montanhas quero ouvir teu som
 reverberar

Com meu canto por todos os cantos irá
 ressoar

Tuas batidas marcam o tempo e o tempo
 pára para te escutar, te escutar
 Tambor ôôô

Tambores da terra, tambores da guerra, da
 ópera aberta, tambor

Tambores dos mitos, tambores dos ritos,
 tambores das tribos, tambor iê

Tambores da terra, tambores da guerra, da
 ópera aberta, tambor

Tambores dos mitos, tambores dos ritos,
 tambores das tribos, tambor êê

Ê tambor êê, ê tambor

Teu molde no fogo vem de eras primitivas
 Ta na marca da arte cultura ancestral
 jamais esquecida

Nos ritos primórdios tua trovoada eleva o
 espírito indígena

Cortejos fúnebres, dança de guerra no cair
 da chuva entre a gota e a terra tem
 Tem tambor na toada marcante,
 Tambor no coração vibrante,
 Tambor no folclore dançante, tambor iêê

Tem batuque, danças, boi-bumbá vem de
 herança nordestina
 Garantido na veia de mil migrações de
 origem distintas

Olorum, maracatu, no terreiro a oxum, no
 baião são joão nas festas de ocaras
 Nada se compara ao tambor que rufa na
 batucada

Tambor na toada marcante,
 Tambor no coração vibrante,
 Tambor no folclore dançante, tambor iêê
 Tem tambor na toada marcante,
 Tambor no coração vibrante,
 Tambor no folclore dançante, tambor iêê

Vem da pele animal e do tronco que o fogo
 moldou

Que o mestre lindolfo ao folclore nesta ilha
 plantou

Ôô

Tambor ôô ôô

Tambores da terra, tambores da guerra, da
 ópera aberta, tambor

Tambores dos mitos, tambores dos ritos,
 tambores das tribos, tambor iê

Tambores da terra, tambores da guerra, da
 ópera aberta, tambor

Tambores dos mitos, tambores dos ritos,
 Tambor!

Tem tambor na toada marcante,

Tambor no coração vibrante,

Tambor no folclore dançante, tambor iêê

Iê tambor, iê tambor iê

Iê tambor, iê tambor iê

Ê tambor, ê tambor,

Ê tambor!

Toada: Brasilidade (2014)

Compositores: Demétrios Haidos e Geandro Pantoja

Sou Garantido com orgulho e amor
O sol da liberdade desperta a pátria
O povo nas ruas de mãos dadas e caras pintadas
Verde e amarelo colorindo
Levante de um país gigante
Emoção que emana de um só coração
Todos juntos cantando a mesma paixão

É o gingado aguerrido
O batuque mestiço é a força da nossa Nação
É meu povo guerreiro
Que tem o orgulho de ser brasileiro
Brava gente de garra e fé que supera os desafios
Meu povo tem gana pra ser vencedor
Nunca desiste dos sonhos
Batalha para ser feliz
Ah meu Brasil
Ah meu Brasil
De samba, carnaval, futebol e boi-bumbá

Brasilidade
Brasilidade pulsa no meu coração
Identidade, geração a geração
Tá garantido meu Brasil é campeão

**Toada: Sou Parintins (2014)
Compositor: Enéas Dias e João Kennedy**

Sou a poesia entoada que encanta a Amazônia
Te seduzo com o lindo pôr-do-sol
Que deixa o majestoso rio-mar
Livre em sintonia com a natureza
Sou filho da Fé, sou filho da Tradição!

Sou Parintins dos Parintintins dos Tupinambás
Sou descendente de índios e negros, sou caboclo sonhador
Sou da terra onde a arte imita a vida
Sou do povo das caboclas mais bonitas
Doce balanço das minhas águas vai te chamar

Vem, vem pro Macurany
Vem pro Aicurapá

No interior, na cidade ou nas vilas
Venha se banhar de alegria
Tem, tem Tambaqui
Tem Bodó, tem tucumã, tem açai
Tem de tudo um pouco nessa Ilha
Mais se queres um momento inesquecível
Te convido pra brincar no Garantido
Onde o coração pulsa feito tambor

Vem pra Parintins, venha brincar e ser feliz!
Vem pra Parintins, venha brincar e ser feliz!
Brincar de Boi em Parintins, é ser feliz!
Brincar de Boi no Garantido, é ser feliz!

**Toada: Balanço do Norte (2015)
Compositor: Enéas Dias e Jessica Jacaúna**

Vou te chamar pro balanço do Norte
Boi-bumbá é o balanço do Norte
Garantido é o balanço do Norte

Vem brincar de boi nessa terra
Nosso folclore te chama
Garantido é o povo em festa

Nosso povo guerreiro e valente
Nosso folclore popular
Nossa cultura cabocla e faceira
Nossa arte vai te convidar
Pra balançar nesse banzeiro
E se jogar de corpo inteiro
Nesse rio de toadas e muita emoção

É o batuque mestiço
É o encontro de todas as tribos
É o rufar dos tambores
É uma Amazônia de cores
E muitos amores

É boi-bumbá
É suor, é conquista, é o sol, é a brisa
É o sorriso no rosto,
É um jeito Brasil de viver,
Aqui a alegria não se esconde e a tristeza passa longe

É boi-bumbá

É a mistura das raças,
Um amor que não passa,
É o tom da Batucada,
É o som de Parintins,
Vista a camisa encarnada
E vem com a gente brincar!

Vem brincar de boi nessa terra
Nosso folclore te chama
Garantido é o povo em festa

Vou te chamar pro balanço do Norte
Boi-bumbá é o balanço do Norte
Garantido é o balanço do Norte

Toada: Celebrar (2016)

Compositor: Sebastião Junior

Celebração dos povos, das raças, do tronco
Da crença, das tribos, do rito, das lendas
Do canto, da vida, dos contos caboclos
Da terra, da mata, das águas

Celebração da arte, da fé, do folclore, da
inspiração
Celebração do manto sagrado, do arco da
flecha
Do remo, da grande canoa
Da mãe natureza, do encanto, das penas
Dos mitos, da tradição

Celebração do triunfo da paz, da vitória, da
superação
Celebrar o primeiro raio de sol que aquece
horizonte
A agrinalda da lua de prata, que beija o rio
O rio amazonas que brota dos andes

Celebrar a criação de lindolfo
Que hoje clama preservação
Pra garantir o futuro, sustento de um povo
bravio
A existência das raças, dos filhos do brasil

Vamos celebrar a vida
Da resistência dos povos, das tribos
Dos troncos, dos filhos da terra mãe
Vamos celebrar a vida, a natureza
O branco, o negro, o índio, a tradição

Que rufem os tambores, ôô
Que toquem as flautas, ôô

Toada: Quilombolas da Amazônia (2017)
Compositores: Enéas Dias, João Kennedy e
Marcos Moura

Meu canto é altivo e libertário
Ritmado a tambores e xequerés
Toada de luta pela igualdade racial
Emancipação do povo meu
Celebra a vida dos griôs do saber

Voa, voa, voa
Voa meu canto cangoma
Voa, voa, voa
Nessa batucada do meu boi-bumbá
Voa, voa, voa
Teu verbo alado é Sansa Kroma
Voa, voa, voa
Pássaro da liberdade yorubá
Somos quilombolas da Amazônia
Negros e cafuzos dessa região
O Boi Garantido festeja seu povo pulsando
a mãe-África no coração

Mocambo é morada do sonho cabano
Navega nas águas do nosso rio-mar
Iretê, Puru, Madeira, Trombetas, Negro,
Tapajós, Andirá

Sou do São José!
São Benedito, Verequete, sou do carimbó,
lundu e siriá
Retumbão, cordão de pássaro, marambiré,
marabaixo e boi-bumbá

Voa, voa, voa
Voa bem alto e faz brilhar
Voa, voa, voa
No negro céu da consciência
Voa, voa, voa
A constelação da resistência
Voa, voa, voa
Refletida em cada olhar

Trago a herança ancestral de gerações
oprimidas
Resistência e força brasileira da matriz
africana

Anunciando um novo tempo de liberdade e
esperança!

Toada: consciência Negra (2018)

Composição: Paulinho Dú Sagrado

A consciência negra

A bela arte negra

A ciência negra

A ascensão dos negros

É história, é memória praticada
No Mocambo ou refúgio, o sofrimento a
superar

Escravos livres, libertos, esquecimento
Ocultamento, o silêncio no Amazonas a
esvaziar

Toda visão do desencanto n'alma negra
Foi a rebeldia à autonomia de um lar
A resistência é uma luta permanente
Por espaço mais decente no direito a se
igualar

A consciência negra

A bela arte negra

A ciência negra

A ascensão dos negros

A liberdade é um valor da identidade
A qualidade dessa raça, a negritude de
viver

Expresso canto e suas danças no batuque
Da marimba, da viola e do xequerê
Derruba mastro colorido na festança
Reza a São Benedito a interceder nesse
viver

Dança o lundu, o carimbó ralentado
Pitiú do Ver-o-Peso faz Dona Onete se
inspirar

A consciência negra

A bela arte negra

A ciência negra

A ascensão dos negros

Ainda assim o preconceito reproduz tanto
defeito

Até aonde a tolerância não há
Afirmção da identidade é o caminho que
exalta os negros do meu boi-bumbá

O hip-hop, a capoeira, o berimbau na
cachoeira

São andanças desse povo no alegrar

O meu destino é o bem de um menino

Sou filho de Catirina o qual nunca se ouviu
falar

A expressão maior não se contém naquela
carta de alforria e o respeito limitar

O negro é conceito escrito e irrestrito

Na pele, nos olhos e na alma brasileira

A consciência negra

A resistência negra!

Toada: As Cores da Fé (2018)

Composição Eneas Dias/ João Kennedy/

Marcos Moura

Terço, batuque, reza e festa

Sagrado e profano unidos em celebração

Sincretismo é resistência

Xangô também é São João

Kaô!

Kaô Kabecile Xangô

Justiceiro, rei nagô

Chama a rainha dos raios pra dançar

Eparrei Iansã

Que é santo e orixá

Na fé tem miscigenação

Colorindo a minha canção

Meu boi é o mito da resistência

Da vanguarda e da tradição

Rito de preto, dança e procissão

Povo de santo, devotos e pajés

Tem reza, oferenda e cura

Vodum encantado em orixá

Rogai por nós em liberdade

Jesus, Tupã ou Oxalá

Viva a diversidade

Bandeira do boi da promessa

Grandeza é ser diferente

Se unindo pra vencer

A resistência é fogo

É fogo no meu coração

É a chama da fé encarnada

Na festa do boi do povão

Toada: Nós, o Povo (2019)**Compositor : Adriano Aguiar**

Pedro, pescador
 Zenaide, professora
 Davi kopenawa, cacique
 Mario de andrade, folclorista
 Dorothy, missionaria
 Edson luis, estudante
 Vavazinho, poeta
 Dandara, quilombola
 José, operário
 Mestre bimba, capoeira
 Benedita, mãe de santo
 Jorge amado, escritor
 Verequete, peixeiro
 Marielle, feminista
 Tia ciata, sambista
 Lindolfo Monteverde, criador do boi
 garantido

Nós, o povo!

Vem, meu brasil
 Pinta a cara de vermelho
 Nosso povo brasileiro
 Se apresenta na festa do meu boi-bumbá
 É, nossa arte é guerreira
 É pulsante, altaneira
 É o espelho do povo, é cultura popular

É o garantido
 Esse boi do povão tem a força que nos faz
 caminhar
 E seguir na estrada do tempo

Sonhar, avançar, conquistar
 É, é, é a cara de Parintins
 É, é identidade que vem da raiz

Na dança, no som, no sotaque
 Meu boi é destaque, o mundo vem pra cá
 A emoção encarnada é fogueira
 Acende a alma do povo a dançar
 A toada guerreira vermelha
 Revolucionaria do meu boi bumbá
 Liberdade, cultura e arte
 Bandeiras de sonho a tremular

Vem pra nossa festa

De índio, caboclo
 De negro, do povo
 De aldeias, quilombos e ruas
 Do amado chão

Vem pra nossa festa
 De índio, caboclo
 De negro, do povo
 De aldeias, quilombos e ruas
 Do amado chão brasileiro

Nós,
 Nos,
 O povo
 Com a mãe áfrica no tambor
 Meu coração ameríndio pulsou
 Quebrei correntes com fé e coragem
 Meu canto diverso é diversidade
 O jeito, a fé, o gingado o calor
 Mulheres e homens de ferro e fogo
 O povo festeiro, orgulhosos e bravio
 E nessa mistura meu nome é Brasil,
 Brasil!

Toada: Viva são João (2019)**Compositor: Enéas Dias e João Kennedy**

O garantindo é o Boi do santo da maior
 festa brasileira
 Tradição do velho mundo, reinventada
 nesse chão
 Festejo do povo, com o povo, para todos
 Viva são João

Junho festeiro, dançante, colorido e
 sonhador
 Da fartura e da colheita, mês do menino
 Xangô
 Ao Batista de Jesus, cantos e rezas de
 gratidão
 A festa do milho acende
 A fogueira da tradição

Fogos explodem no céu, para acordar São
 João
 Pra receber os pedidos envias num lindo
 balão
 Tem festança no arraiaá, quadrilha e
 adivinhação
 Tem forró, boi-bumbá, xote, xaxado, baião

A batucada zabumbou na batida do meu
coração
A sanfona acompanhou a pegada do
gonzagão

Brilha em Parintins uma festa com a cara da
gente
Um boi da promessa, o mais campeão do
lugar

A poeira vai subir (hei), o chão vai tremer
(hei)
É o caminho da roça, que eu brinco com
você
A galera vai dançar anarriê, e cantar assim
lê, lê, lê, lê
O maior são João da Amazônia
Mostramos para o mundo ver
Viva são João!

CAPRICHOSO

Toada: Meu Amazonas (2009)
**Composição: Ademar Azevedo, Frank
Azevedo**

Natureza mãe da vida
Amazonas o teu jardim é mais florido
O índio canta feliz contigo
Amazonas o teu cenário é mais bonito
Tem manejo florestal, o cantar dos
pássaros
Peixe ornamental, gavião real
Área de proteção, tudo é sustentável no
Mamirauá
Juma é conservar os mananciais

Ô ô ô ô ô, ô ô,ô ô

Todas as nações aqui vão se encontrar
Na harmonia da floresta, vou brincar de
boi-bumbá
Vem onça pintada, macaco, sucuri
Bicho folharal, curupira e jurupari
Amazonas segue o teu destino
É preservar, é preservar, é preservar

Meu Amazonas chama os Tupinambás
Pra celebrar, pra celebrar, pra celebrar
Amazônia, nossa Amazônia

Aqui em Parintins vamos decantar
A magia da floresta no folclore popular
Eu sou azul, eu sou azul
Sou Caprichoso
Sou Amazonas, onde o verde encontra o
azul

Toada: canto nativo (2010)

Composição: Salomão Rossy

ie lê
ie lê lê lê lê lê
ie lê lê lê lê lê

ecoa meu canto nativo
sobre a imensidão do verde bandeira
minha canção brasileira
tem um som que pulsa forte
em minhas veias

meus versos índios
rompem mordças
quebrando o silêncio da história
enchendo meu canto de verdade
ritmado ao toque do tambor
em sonatas de lua
sobre o véu da cachoeira

meu coração marca ao compasso
e a minha voz conduz o meu canto
iluminado

eu sou brasileiro do norte
sou cantador do lugar
sou índio, sou negro, sou caboclo altaneiro
eu sou brasileiro do norte
sou cantador do lugar
sou boi Caprichoso, expressão da minha
terra

ie lê
ie lê lê lê lê lê

**Toada: A Magia que encanta o mundo
(2011)**

**Adriano Aguiar, Geovane Bastos,
Rozinaldo Carneiro**

Vem viajar, vem mergulhar

vem conhecer a ilha da fantasia
vem brincar de boi

vem viajar, vem mergulhar
vem conhecer a nossa festa
no meio da floresta

é a magia que encanta o mundo
é a magia que encanta o mundo
a arte o folclore, o sonho
das lendas, dos mitos
das crenças, das danças

Me apresento para o mundo
sou o Boi Caprichoso e vou mostrar
a nossa festa de boi
é magia que vai te encantar
me apresento para o mundo
sou o Boi Caprichoso e vou mostrar
a nossa festa de boi
é magia que vai te encantar

Sou os olhos da boiúna
das histórias do caboclo
sou índio, tupinambá
sou Parintins, sou Caprichoso
sou os olhos da boiúna
das histórias do caboclo
sou índio, tupinambá
sou Parintins, sou Caprichoso

Sou as águas desse imenso rio
eu sou caboclo, negro, índio
a cara do Brasil

Na arena, no duelo das nações
das cores serei sempre o grande campeão

Com a força da toada, no pulsar da
Marujada
a galera azulada, aguenta coração

Toada: Viva a cultura popular (2012)
Composição: Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Guto Kawakami
Viva a cultura popular!
Viva o Boi de Parintins!
Viva o folclore brasileiro!
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro

A nossa festa, nosso ritmo, nossa dança
Nossa toada, tocada e cantada de um jeito
caboclo
Apaixonado, brincando de boi

Caprichoso é raiz, é folclore, tradição
É cultura popular, é a herança dos povos
É bumba-meu-boi, boi-bumbá

Tem batuque de negro, é afro o rufar
Dos tambores sagrados da terra

É nativo, ameríndio, tribal, o som da
floresta
É toada de boi, é caboclo, é azul esse amor
caprichoso
Viva o som desse povo guerreiro!
Viva a força do folclore brasileiro!

Sou a arte, a fé dessa gente
A essência de brincar de boi
Sou a cultura popular
Nosso folclore é a cara desse povo mais
feliz, é...

Toada: O centenário de uma paixão (2013)

Composição: Guto Kawakami, Adriano Aguiar, Geovane Bastos
Vem festejar o Centenário de uma Paixão
Vem comemorar, Boi Caprichoso, é raça é
amor
É Festa, é toada ao som do tambor

De Roque Cid um presente de amor
Promessa cumprida ao Santo Senhor
Seguindo a estrela o nordeste deixou
E aqui na Amazônia se tornou meu Boi

Patrimônio do povo Boi de Parintins
Brincou nos quatro cantos da cidade como
Roque quis
Meu boi-bumbá

De casa em casa, de rua ou quintal, tablado
ou bumbódromo, virou festival
Mistura de festas do Brasil, festa de índio,
festa de negro, é festa cabocla
Cultura, folclore e tradição!

Pra te conquistar, rompi as fronteiras da
minha ousadia
Sou inovador, desafiador

Eu sou azul e branco e nunca vou deixar de
ser
Haja o que houver e esse amor quero viver
No Caprichoso a minha vida é Brincar de
boi, brincar boi
Sem perder a tradição!

Vem festejar o Centenário de uma Paixão
Vem comemorar, Boi Caprichoso é raça, é
amor
É festa, é toada ao som do tambor

Lê LÊÊ, LÊLÊÊ, LÊLÊÔ, LÊLÊÔ
É o Boi da Cultura Popular

Toada: Boi Brasileiro (2014)
Composição: Geovane Bastos, Adriano
Aguiar

Meu Brasil
Vai balançar
Vai celebrar
Do bumba boi ao boi bumbá
Folclore do povo
É a festa da cultura popular
Tem Calemba, Maracanã
Boi-de-reis, zabumba, pandeirão
Vem Maioba, Boi de Terreiro, Pindaré
Levanta poeira do chão
Pra receber boi de santo festeiro
Boi da tradição
Boi Caprichoso
Meu boi brasileiro
Vem meu Brasil
Mostra a cara dessa gente
Que o mundo quer te ver
De norte a sul
Hoje fica decretado
Que a festa é de boi bumbá
Vem, vem vestir o azul o branco
E levanta essa bandeira
Rufa esse tambor
Pra esse povo brincar
O Brasil vai balançar
Caprichoso vai fazer
Você se apaixonar

Pela festa do boi brasileiro
Toada: Amazônia, nas cores do Brasil
(2015)

Composição: Adriano Aguiar
Vou chamar a terra do samba e pandeiro
Carnaval olha a mulata!
E o povo da terra da garoa a cidade que
não para
Vaneirão, folia de reis fandango e também
procissão
E da terra dos pampas “guri bah”
Traz o chimarrão

Tem mineiro minério de minas
De serras tão lindas “uai”
É festa de laço, reisado linda congada que
faz a ginga
Tem frevo, caatinga tem bumba meu boi
“arraiar” no sertão
Forró, zabumba, casório maria bonita e
lampião
Esse país, de amor e paixão
É a terra folclore que faz o mundo balançar

Vai fazer levantar a poeira roda capoeira
guerreiro de ogum
Do pai oxalá de norte a sul cultura popular
E aqui na amazônia vai ter boi bumbá
Ciranda, çairé, carimbó ciriá
É mistura de gente feliz
Todos vão se encontrar na festa dos
parintintin
Brasil, brasileiro! Brasil milagreiro!
Brasil, cancionero e festeiro afro-euro-
ameríndio do tronco tupi!
Brasil, brasileiro! Brasil, milagreiro!
Brasil, cancionero e festeiro afro-euro-
ameríndio do tronco tupi!

Chimbaba, saci, fogo de boitatá neguinho
do campo, yara a cantar
É homem, é boto vem todo de branco
Cuidado com a cuca te benze ao entrar
Boneca de pano, pião, manja esconde
Bolinha de gude, caroço a rolar
É dança, é música, é crença é paixão
Brincadeira, costume, e adivinhação
Viva luiz da câmara cascudo!
Viva o boi de parintins!
Viva a terra folclore!

Toada:

VIVA PARINTINS! (2016)

Adriano Aguiar

[Nossa gente é mistura cabocla]
[de negro, de índio]
[o nosso sangue é tupinambá]
[parintintin, do índio aguerrido]
[bumba meu boi, agora é boi-bumbá]
[tenho a raiz do povo nordestino]

Feliz é o balanço que vem dessa ilha
E desse jeito nossa gente canta
Se mexe na gíngua da ilha tupinabarana
Feliz estou e é desse jeito que meu boi me
faz
Teso, guerreiro audaz
Que luta, que segue e não esmorece
quando vê um desafio

Então vem! Vem!
Amor, calor
Paixão é fogo, é brasa
Amor bateu, ferveu, esquentou
Rufou tambor
Azul é povo, é caprichoso
É dança, andança de boi

Na frente da minha ilha passa o rio mais
porreta
Meu boi já está falado em quase todo o
planeta
Mas manque a pavulagem do parintinense!
[olha já!]

Nossa gente é mistura cabocla
Do negro e do índio
De arco e flecha que gosta da festa do boi
De pele morena do sol
Vem pra cá, ver o povo na rua andando e
cantando
Enfeitando a casa de azul e branco
Que o boi vai chegar!
Que o boi vai chegar!

O nosso sangue é tupinambá
Parintintin, do índio aguerrido
Bumba meu boi, agora é boi-bumbá
Tenho a raiz do povo nordestino
O nosso sangue é tupinambá
Parintintin, do índio aguerrido

Bumba meu boi, agora é boi-bumbá
Tenho a raiz do povo nordestino

Meu amor
[ilha nova freguesia, vila nova da rainha
imperatriz]
Meu amor
[nativa, mestiça, várzea, terra firme e tua
bela serra, chão de bravos!]
Meu amor
[ilha do carmo, da fé, da prece e do manto
que protege meu canto]
Meu amor
[boi de cid, de gonzaga e de pereira, de
quintal e do nosso festival]
[viva parintins!]

Nossa gente é mistura cabocla
Do negro e do índio
De arco e flecha que gosta da festa do boi
De pele morena do sol
Vem pra cá, ver o povo na rua andando e
cantando
Enfeitando a casa de azul e branco
Que o boi vai chegar!
Que o boi vai chegar!

O nosso sangue é tupinambá
Parintintin, do índio aguerrido
Bumba meu boi, agora é boi-bumbá
Tenho a raiz do povo nordestino
O nosso sangue é tupinambá
Parintintin, do índio aguerrido
Bumba meu boi, agora é boi-bumbá
Tenho a raiz do povo nordestino

Meu amor
(meu amor é caprichoso, é parintins, é a
raiz)
Meu amor
(nossa gente, nossa festa)
Meu amor
(meu amor é caprichoso, é parintins!)
Meu amor
(hey, hey, hey, hey! Herauê, herauê!)
Meu amor
(hey, hey, hey, hey! Herauê, herauê!)
Meu amor
Meu amor

Toada: A poética do imaginário caboclo (2017)

Compositor: Adriano Aguiar

Vem navegar, vem mergulhar
Vem conhecer o meu boi-bumbá
O imaginário te convida pra brincar
Na festa cabocla do boi Caprichoso

Sou lendário navegante, eu e o meu velho chapéu
Cigarro tabaco, minha fumaça sobe aos céus
E vai pescar estrelas pra fazer um luzeiro pro meu rio
Pra navegar, buscar a cura, a sorte, o saber ancestral

Eu sou banhado no Amazonas, benzido na capela
Parente de quimera, eu viro boto sedutor
Também guerreiro, se duvidar me engero em fera
Sou, sou caboclo sou, vencedor
Minha força renasce das cinzas
Sou pássaro sonhador

Sou cagila de negro, nordeste alegria,
pussanga de branco
Sou encantaria, caboclo, mistura, remo, flecha
Índio, mistério e floresta

Sou cariboca poeta, eu canto a Amazônia
Recrio o folclore ao som do tambor
Faço da arte minha vida
E faço da vida essa festa de amor

Vem navegar, vem mergulhar
Vem conhecer o meu boi-bumbá
O imaginário te convida pra brincar
Na festa cabocla do meu boi Caprichoso (2x)

Acundêra, acundêra, acundê

Toada: Touro encantado e a estrela de ouro (2017)

Composição: Hugo Levy e Marcos Moreno

Rei, rei, rei Maranhão, Rei, rei, rei Maranhão.

No galope encantado, o rei e seu tesouro
Sua sina, seu fado, um touro negro
Trazendo na testa a estrela de ouro

Em um velho campo de guerra
Num tempo há muito passado
Um rei guerreiro, em distante terra
Pelos muros aprisionado.
Cruzou o oceano para fugir do mal

Em águas tropicais, ilhas de Maiaú
A vinda do soberano, na praia dos lençóis
O palácio de cristal
Um reino sob a água azul

Rei, rei, rei Maranhão, Rei, rei, rei Maranhão.

E nas noites de lua cheia
O vento que sopra do mar
Constrói castelos de areia
Na sombra da noite, para a glória do rei
Em sua corte reinar

E quando do mar sair
Como um negro touro
Ao tocarem a estrela de ouro
Em sua glória vai ressurgir
A cidade encantada, no mar aberto
Não mais errante, do encanto liberto

Rei, rei, rei do Maranhão, Rei, rei, rei do Maranhão
Dom Sebastião
Lindas pedras do seu manto voltarão

Toada: Boi de negro (2018)

Composição: Erick Nakanome; Frank Azevedo; Moisés Colares; Raurison Nascimento e Ricardo Linhares.

Afro brasileiro, vindo de além mar
Desembarcou nas senzalas do Brasil colonial
Cultura africana transfigurada em mitos
Nas lendas e histórias se fez

O bumbá meu boi

Ginga boi
De zulú a zumbí
Gira boi
Afro-parintin
Resistência de um povo brasil

Maracá, pandeirão, tamborinho
Meu tambor é de fogo, é de onça
E dança o miolo de baixo do mito popular
Yorubá, ijexá, é zabumba, boi-bumbá
Bumba meu boi
Sangue África na minha dança e na minha festa

É o saber ancestral nascido de ventre
África
Parido, plantado, roubado e negado
É o canto, é brado, manifesto!
Que tremula o tambor e pulsa regando esse chão
É a festa de cabanos, de terreiro, rua e quintal
É arte, luta, resistência e revolução!

Boi de santo, boi de negro
Boi de cid, brasileiro
O batuque, o gingado
Cantoria, pai francisco
Gazumbá, catirina

Sangue áfrica!

Toada: Terra mãe ancestral (2018)

Compositor: Adriano Aguiar

Hera, gaya, kala, amaterasu
Ráume, mãe oxum, mãe oxum, yepá!

Fogo, queima, aquece
Fruto, manto floresce
Braços, raízes, o sangue é seiva que desce
Vento dos cabelos de iansã
Olhos, turmalinas que brilham
Aguas que beijam a praia, o mar de iemanjá, odojá!

Teus rochedos e montanhas
Teus bosques, mangue e lama
Cura tudo aquilo que inflama

Mãe, natureza mãe, mãe terra, deusa mãe
Dos filhos que protegem teu congá
Divina, mãe que guarda “a cria”
Fauna, flora, vida, minérios submersos teu colar

Está nos vulcões do havaí
No gelo do primitivo odin
Nas montanhas sagradas dos navajos
Nas cordilheiras dos andes, no abissal dos mares
No céu, no sol e na lua, em todos os lugares
Nas areias do saara, vestida em amazônia

“eu trago bonança, meu sopro esperança
Ceucý, primitiva, minha dança se fez universo
Fui terra pangeia, fui éden, sou pedra
Sou flor, viro guerra, sou a festa
De um boi negro caprichoso”

Auê, arauê
Ave, peixe, inseto e réptil
Auê, arauê
Campo, alimento, solo fértil
Dança tribo, canta tribo
Ilha, ponta, continente, mar aberto
Dança tribo, canta tribo
Casa, mãe e filho, amor eterno
É tambor do meu boi pra você óh mamãe
Mãe terra!

Toada: Misticismo: a revolução (2018)

Compositor: Gabriel Moraes e Guto

Kawakami

Entes da floresta me revelem o segredo
E conduzam o meu caminhar
Do mundo esotérico trago conhecimento
Pela revolução milenar

O xamanismo de sacacas herdei
A alquimia com as ervas criei
O dom da cura ensinamento ancestral
Altar da encantaria é ritual

Com a benção tiro mau olhar
Afasto quebranto pra longe de ti
Viu visagem ou bicho do fundo

É reza que falta para proteger

A fé do povo das senzalas
Das marombas, das ocaras
Herança dos povos ancestrais
Animismo, misticismo
Meu chocalho, meu cachimbo
A conjurar, meditar, espantar todo mal
Sabedoria cabocla me guia
Em mistérios do além

Com a força dos pajés
Afugento assombração
Matinta pode assoviar
Que a morada já benzi
Boto não vai se gerar
Caruana vou tirar de ti

No bater do tambor
Meu terreiro é de cura, é de bumbá
No bater do tambor
Meu boi negro me chama pra brincar
No bater do tambor
É credence no canto de oração
No bater do tambor
Vou benzer essa arena e ser campeão

Epa heia! Epa heia!
Paini pajé, iansã, são sebastião

Toada: Heróis Do Brasil (2019)
Compositor: Moisés Colares; Raurison Nascimento e Frank Azevedo

Neste solo sagrado com os pés no chão
Vem o caboclo a caminhar
De um sonho perdido
Um desejo incontido
Em busca de um brasil melhor
Gente de esperança
Olhar confuso e desafios
Despertai ó mátria amada!
Sou caboclo herói do brasil

O meu sangue é de guerreiro
De valente, sou do mato
Sou caboclo, eu sou consagrado
Sou da tribo caprichoso
Sou guerreiro encantado
De terreiro brasileiro
Sou nortista cancionista

Amazônia

Sou negro, sou índio, sou maracatu
Dança de terreiro, sou bumba meu boi
Sou tribo riqueza da minha nação
Sou arte, cultura dessa tradição
Caboclo afro-brasileiro eu sou raiz
Heróis do brasil

Sou negro, sou índio, sou maracatu
Dança de terreiro, sou bumba meu boi
Sou tribo riqueza da minha nação
Eu trago um pouco de todos em mim
Sou caboclo de Parintins
Heróis do brasil

Em busca de um brasil melhor vou
singrando meu destino. Desistir jamais,
pois em minhas veias corre o sangue de
meus antepassados. Sou mestiço, cafuzo,
negro, sou índio, trago um pouco de todos
em mim, sou caboclo de parintins, somos
heróis do brasil

Toada: Boi da encantaria (2019)
Compositor: Erick Nakanome; Ronaldo Barbosa e Ronaldo Barbosa jr

Toca esse tambor
Treme o atabaque
Alfaia de couro
Chama o boi

Da ventania ê ô, rei
De encantaria ê ô, rei
Touro de magia vê meu bem
Dança pó de estrela e sacode a terra da mãe
Faz festa e folia, vem boi vem
Brinca na minha ilha, vem boi vem
Traz o azul das contas do meu colar

De quê? Caboclo encantado
Vem vê santo ajuremado
De batuques, de pontos cantados
De terreiros, de rodas de palcos
Vem pra te chamar
Vem pra ver!

Seu vaqueiro, boiadeiro, seu turquia
Pai da mata, reis de linha, encantaria
Cipó de fogo, três marias, sete trilhas

Goytacaz e dom sebastião

Ginga, brilha boi de gira
Gira boi, de encantaria
Ginga, rodopia na fumaça da magia
Brilha boi de gira, gira boi de pano
Na luz da minha fé

Parintins virou congá
É axé, é caprichoso é patuá, juremá!

Toada: Aruanda: as três princesas (2019)

Compositor: Geovane Bastos
No mar em águas encantadas
A grande travessia

Despertaram além dos portais
No reino de aruanda
Um mundo de magia

Que a pororoca te leve ao além
Transforma meu canto, em canto que vem
Despertar na amazônia, encantarias...

Meu tambor de mina tocou
A coroa azul encantou
As três maresias princesas
Na casa das minas, vão despertar!

Xapanã eleva teus raios no céu
É nanã nas águas revoltas do além
Rei turquia, surrupiras
Aruanda! Aruanda!

Caboclos da mata, índios flecheiros
Exus guerreiros, voduns feiticeiros

No encantamento, transforma o corpo
Incorpora o tempo

Dança encanta mariana
Se engera herondina
Vem tóya jarina

No ponto, o canto, encanto!

É terreiro nagô, codó terecô
Turquia jêje , encruzados ayó

É terreiro nagô, codó terecô
Encruzados ayó, canjerê é tambor

Liberdade da alma, me energiza
Me transforma, purifica-me
Nesse canto de fé

Vão se ajuremar!

Meu tambor é de mina
A amazônia te guia
Encantaria a te chamar

Aruanda, aruanda, aruanda

Toada: Armadura de fé (2019)
Compositor: Leandro Pantoja e Erick Nakanome

Oh são jorge, meu santo guerreiro
Que trazeis em vosso rosto a esperança
Abre meus caminhos
Eu andarei vestido e armado com vossas
armas
Para que meus inimigos
Tendo pés não me alcancem
Tendo mãos não me peguem
Tendo olhos não me enxerguem
E nem pensamentos tenham para me
fazerem mal
Armas de fogo o meu corpo não alcançarão
Facas e lanças se arrebentarão
Sem o meu corpo amarrar
Glorioso são jorge, em nome de deus
Estendei vosso escudo e vossas poderosas
armas
Fortalecei minha fé
E defenda os guerreiros do boi caprichoso
Okearó oxóssi, patakuri ogunhê ogum!

A lança revela o santo lutador
Do santo graal o protetor
Líder soberano dos templários
Cavaleiro do nosso imaginário

Olhando para o céu
São jorge na lua está
Montado em seu cavalo branco
Numa batalha lunar
Tão humano quanto nós
Vencendo o seu dragão

Mas tão divino para nós
Santo de devoção

Santo de terreiro, santo brasileiro
Que aqui na terra trava uma batalha
Tão difícil, tão atroz

Contra intolerância, contra o desrespeito
Contra a miséria, contra o preconceito
Contra o genocídio e feminicídio

Corrupção, racismo e qualquer distinção de
cor

Oxóssi das matas, armadura de fé
Lutando por nós, contra nosso algoz

Oxóssi das matas, meu ogum é de guerra
Cavaleiro da flor, São Jorge protetor